

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

SOPHIA MAIA GARCIA

OS QUINZE ANOS DO CASO ELOÁ:

Os sentidos construídos pelo g1 sobre uma vítima de feminicídio

PORTO ALEGRE

2024

SOPHIA MAIA GARCIA

OS QUINZE ANOS DO CASO ELOÁ:

Os sentidos construídos pelo g1 sobre uma vítima de feminicídio

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof^ª. Dra. Thais Helena Furtado

Porto Alegre

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Garcia, Sophia Maia

OS QUINZE ANOS DO CASO ELOÁ: Os sentidos
construídos pelo g1 sobre uma vítima de feminicídio /
Sophia Maia Garcia. -- 2024.

82 f.

Orientador: Thais Helena Furtado.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo,
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Jornalismo. 2. Ética. 3. Feminicídio. 4. Análise
do Discurso. 5. Sensacionalismo. I. Furtado, Thais
Helena, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SOPHIA MAIA GARCIA

OS QUINZE ANOS DO CASO ELOÁ:

Os sentidos construídos pelo g1 sobre uma vítima de feminicídio

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof^a. Dra. Thais Helena Furtado

Aprovado em 31 de janeiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora Prof^a Dra. Thais Helena Furtado
UFRGS

Prof^a Dra. Gisele Dotto Reginato
UFRGS

Prof^a Dra. Sabrina Franzoni
UNISINOS

AGRADECIMENTOS

Tudo é coletivo. Para iniciar estes agradecimentos, gostaria de expressar minha eterna gratidão aos meus pais, Gabriela Maia e Fábio Garcia, que nunca mediram esforços para que eu tivesse a melhor educação possível. Devo tudo a eles. Tudo. Os agradecimentos se estendem à minha avó, Vania Maria Alves, que para mim sempre foi uma casa quente e aconchegante.

Há, também, a família que a gente escolhe ao longo da vida. A minha é a Isadora, meu amor, que serviu de apoio incondicional antes, durante e depois da escrita deste trabalho. Sem ela, eu não teria conseguido. Obrigada.

Aos meus amigos, que vem sendo os alívios nos meus dias mais turbulentos há, pelo menos, sete anos: Gabriela Di Diego, Giovana Neves, Luísa Andriotti, Marina Berbigier, Nicole Straub e Tristan Jardim. Tem também Otto Berbigier, que no auge dos seus dois aninhos, ainda não consegue imaginar o quanto as dindas o amam.

Na Fabico, eu conheci muita gente que vou levar para sempre. Alguns, infelizmente, só vou conseguir visitar na memória – como é o caso do professor Flávio Porcello, que nos deixou cedo demais, mas não sem antes me ensinar muito. Sou grata por ter tido a chance de aprender com ele. Agradeço também à Thais Furtado, uma das pessoas mais inteligentes que já conheci na vida toda, professora da qual fui bolsista de iniciação científica no meu primeiro semestre de faculdade e que, agora, me ajuda a finalizar esse ciclo da graduação como orientadora deste trabalho. Obrigada, Thais.

Além dos professores, a Fabico, pra mim, também foi colorida pelos colegas que me ajudaram a passar por essa transição à vida adulta com mais humor, cuidado e companheirismo. Aos meus amigos e, agora, colegas jornalistas, Gregorie Garighan e Valentina Bressan, a minha eterna admiração por quem vocês já eram e por quem vocês se tornaram. Meus agradecimentos a quem, agora, me ajuda a segurar este diploma.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é identificar quais foram os sentidos atribuídos à Eloá Cristina Pimentel, pelo portal de notícias g1, durante a cobertura de seu sequestro, em 2008, e 15 anos depois, em 2023. Para tanto, selecionamos 13 notícias: 10 publicadas em 2008, na cobertura ao vivo; e três publicadas em 2023, que relembavam o caso e faziam menção à estreia do programa Linha Direta, que trataria desse acontecimento. Para entender o contexto desse fato, apresentamos sua cronologia, fazendo uma reflexão sobre a conduta jornalística na cobertura frente às principais correntes teóricas da ética e ao Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Além disso, os conceitos de sensacionalismo, gênero, patriarcado e feminicídio também são abordados em sua relação com o jornalismo. Como metodologia, utilizamos a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, identificando três Formações Discursivas (FDs) com sentidos atribuídos à Eloá: *Mulher vítima de homicídio (FD1)*, *Mulher semelhante (FD2)* e *Mulher responsabilizada pelo crime (FD3)*. A FD1 foi a de maior incidência durante toda a cobertura, o que se explica pelo contexto do caso. A FD2 se acentua após a morte de Eloá, em uma tentativa de humanizar a vítima. Já a FD3, apesar de menos presente, explicita as caracterizações de Eloá enquanto ingrata e insubordinada, uma das principais diferenças entre as notícias de 2008 e 2023.

Palavras-chave: Jornalismo; Ética; Sensacionalismo; Violência Contra a Mulher; Feminicídio; Análise do Discurso.

ABSTRACT

This research aims to identify the meanings attributed to Eloá Cristina Pimentel by the G1 News portal during the media coverage of her kidnapping, in 2008, and 15 years later, in 2023. To achieve this objective, 13 news articles were selected: ten published in 2008, during the live coverage, and three published in 2023, recalling the case and mentioning the debut of the program "Linha Direta", which would address the event. To understand the context of this fact, the research presents its chronology, also reflecting about the interference of journalism in it from the light of the main ethical theories and the Brazilian Journalists' Code of Ethics. Later on, there's a chapter that conceptualizes gender, patriarchy, and femicide addressing its relationships with journalism. Regarding the methodology, we used French Discourse Analysis (DA), identifying three Discursive Formations (DFs) with meanings attributed to Eloá: Woman victim of homicide (DF1), Similar woman (DF2), and Woman held responsible for the crime (DF3). DF1 was the most prevalent throughout the coverage, which is explained by the context of the case. DF2 becomes more prominent after Eloá's death, in an attempt to humanize the victim. DF3, although less present, explicitly portrays Eloá as ungrateful and insubordinate, one of the main differences between the 2008 and 2023 news.

Keywords: Journalism; Ethics; Sensationalism; Violence Against Women; Femicide; Discourse Analysis.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Notícias que formam o corpus da pesquisa.....	41
QUADRO 2 - FDs identificadas nas notícias de 2008.....	41
QUADRO 3 - Incidência de SDs em cada uma das FDs nas notícias de 2008...42	42
QUADRO 4 - FDs identificadas nas notícias de 2023.....	42
QUADRO 5 - Incidência de SDs em cada uma das FDs nas notícias de 2023...43	43
QUADRO 6 - Número total de FDs identificadas nas notícias selecionadas....	43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. O CASO ELOÁ.....	11
2.1 Cronologia do sequestro.....	11
2.2 A interferência do jornalismo.....	15
2.3 Ética jornalística e sensacionalismo.....	20
3. PATRIARCADO, GÊNERO, E JORNALISMO	26
3.1 Violência de gênero e feminicídio.....	28
3.2 Feminicídio e representação da mulher no jornalismo.....	31
4. METODOLOGIA E ANÁLISE DAS NOTÍCIAS DO CASO ELOÁ.....	35
4.1 A Análise do Discurso (AD).....	35
4.2 O objeto e o corpus de pesquisa.....	37
4.3 Análise das notícias do Caso Eloá publicadas pelo g1.....	39
4.3.1 FD1 - Mulher vítima de homicídio.....	44
4.3.2 FD2 - Mulher semelhante.....	50
4.3.3 FD3 Mulher responsabilizada pelo crime.....	53
4.3.4 Reflexões sobre a análise.....	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICE A - Identificação das SDs dos Textos 1 a 13.....	67

1 Introdução

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas (ONU), o Brasil ocupa o quinto lugar no ranking mundial de feminicídios. Em 2022, uma mulher foi morta a cada seis horas no país, o que representa um aumento de 5% em relação ao número do ano anterior¹. Em 2023, foram 722 mulheres mortas simplesmente pelo fato de serem mulheres apenas no primeiro semestre².

As políticas públicas que visam combater algumas das formas de violência de gênero são recentes – a Lei Maria da Penha³, que tem como objetivo coibir atos de violência contra a mulher e punir adequadamente os agressores, foi criada em 2006; e a Lei do Feminicídio⁴, que torna o feminicídio um crime hediondo, em 2015. Apesar dessas legislações representarem avanços, o patriarcado e o machismo têm raízes muito profundas na sociedade brasileira. Por muitas décadas a violência contra a mulher era encarada como algo habitual e banal, mesmo não sendo. Não é incomum que discursos que reforçam essas ideias sobrevivam ainda hoje.

O jornalismo possui papel social fundamental. Para além de informar o público, ele é muito importante para a compreensão dos cidadãos acerca da sociedade em que vivem. O jornalismo, no entanto, não é uma ferramenta neutra que replica e noticia a realidade, mas sim, um espaço que imprime, em si, valores de quem o faz. Através das produções noticiosas, também dispõe do poder de reforçar o discurso dominante ou de ser agente de transformações sociais.

Pelo fato do jornalismo e das questões de gênero serem dois elementos tão relevantes para a sociedade, estabeleci que minha pesquisa iria se dar em alguma das intersecções dessas temáticas.

Partindo dessa delimitação, o Caso Eloá sempre teve o meu interesse. Por mais que eu tivesse apenas sete anos quando aconteceu, recordo de ter sido impactada ao ver a imagem de Eloá, na janela do apartamento em que foi feita refém, na televisão da minha casa. Muitos anos depois, conforme fui avançando na

¹ Disponível em:

<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-femicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml> Acesso em: 10/01/2024

² Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/11/13/brg1il-registra-722-femicidios-no-1o-semester-de-2023-maior-numero-registrado-desde-2019-em-serie-historicg1ghtml> Acesso em: 10/01/2024

³ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lq1/l11340.htm Acesso em: 11/01/2024

⁴ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm Acesso em: 11/01/2024

faculdade, passei a ler alguns materiais acadêmicos sobre o caso, já que a conduta do jornalismo acerca dele foi, no mínimo, problemática. Entendi toda a cobertura como um terreno frutífero para mais pesquisa, e, a partir dessa experiência pessoal, decidi que investigaria esse acontecimento⁵ em meu trabalho de conclusão de curso (TCC).

Por ter sido um fato bastante comentado e estudado, já existem muitas produções sobre o sequestro e a maneira com a qual o jornalismo se relacionou com ele. Para a realização do meu trabalho, inclusive, visitei algumas das obras que se debruçaram sobre as problemáticas do caso e a mídia, como o artigo de Sampaio (2010) e o documentário "Quem matou Eloá", de Perez (2015). Por se tratar, também, de um acontecimento antigo, busquei encontrar uma abordagem original de pesquisa, que ainda não tivesse sido explorada. Assim, foi decidido que o trabalho seria centrado na vítima do caso, com o objetivo principal de identificar quais foram os sentidos construídos sobre Eloá pelo portal g1 durante a cobertura de seu sequestro e 15 anos depois. A metodologia utilizada para atingir esse objetivo foi a análise de discurso (AD) de linha francesa. Para compor o corpus do estudo, escolhi notícias publicadas no g1, portal de notícias online da Rede Globo. Lá, selecionei 13 matérias acerca do Caso Eloá – dez publicados durante a cobertura do sequestro, em 2008, e três publicadas em 2023, em matérias que relembavam o caso.

Também determinei os seguintes objetivos específicos: 1) apresentar o Caso Eloá como acontecimento que ganhou notoriedade; 2) debater a relação do jornalismo com as questões de gênero, 3) relacionar conceitos de ética e de sensacionalismo com o caso e 4) classificar, examinar e comparar os sentidos atribuídos a Eloá pelo g1 durante a cobertura do seu sequestro e 15 anos depois.

A pesquisa se inicia no capítulo 2, no qual apresento o Caso Eloá e delimito cronologicamente o sequestro. Além da cronologia, também abordo a interferência do jornalismo no caso, exemplificando as vezes em que jornalistas tomaram para si papéis que não faziam parte do escopo de sua profissão, para os quais não estavam preparados, não trazendo benefícios ao caso. Após essa exposição, apresento as principais teorias no campo da ética jornalística (consequencialista, utilitarista e do cuidado) e, também, conceitos de sensacionalismo, segundo Amaral (2006).

⁵ Não é objetivo desta pesquisa refletir sobre o significado de acontecimento mas, sim, sobre os sentidos atribuídos à Eloá. Ainda assim, esta pesquisa se identifica com a definição dada por Adriano Rodrigues: "acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais". (Rodrigues, 1993, p.31)

No capítulo 3, trago concepções essenciais para a temática da pesquisa. Início conceituando gênero e patriarcado, me aprofundando nas consequências dessas relações de poder que surgem a partir desses tensionamentos – que chamamos de violência de gênero. Também situo historicamente os avanços em relação às legislações que protegem as mulheres e debato como tudo isso se concatena no jornalismo: através dos valores-notícias que entendem (ou não) esses acontecimentos como relevantes e os noticiam em suas produções.

No quarto capítulo, apresento a metodologia escolhida para responder ao problema de pesquisa e justifico essa escolha. Trata-se da Análise do Discurso (AD), desenvolvida por Pêcheux e seus alunos e disseminada no Brasil por Orlandi. Além disso, também apresento o objeto de pesquisa, o g1, e o corpus, as suas notícias sobre o caso. Posterior a isso, parto para a análise de cada um dos sentidos encontrados no corpus, e debato os resultados quantitativamente e qualitativamente. Finalizo o capítulo com um tópico de reflexões sobre a análise, em que reúno os resultados descobertos na análise, refletindo sobre destaques na cobertura do Caso Eloá.

A estrutura de tópicos foi pensada para que seja possível responder ao seguinte problema de pesquisa: quais os sentidos construídos sobre Eloá pelo portal g1 durante a cobertura de seu sequestro e 15 anos depois?

É nosso dever, enquanto jornalistas, informar com qualidade – ainda mais sobre assuntos tão relevantes, como é o caso do feminicídio. Olhar para o passado é uma forma de, também, aprender sobre o que já nos constituiu e planejar um futuro melhor. Para que possamos respeitar as mulheres que já se foram e proteger as que ainda precisam de ajuda, é necessário que aprendamos com os nossos erros.

2 O Caso Eloá

Neste capítulo, abordaremos o sequestro de Eloá Pimentel por seu ex-namorado Lindemberg Fernandes, estabelecendo a cronologia do caso⁶. Além do acontecimento em si, trataremos, também, da maneira como o jornalismo cobriu o fato nos noticiários e como isso se relaciona com as principais correntes da ética e com o sensacionalismo.

2.1 Cronologia do sequestro

Segundo Sampaio (2010, p. 12), "O episódio [*Caso Eloá*] apresentou um 'enredo' composto por amor, perigo e incertezas, ingredientes perfeitos para uma boa novela, se não fosse, claro, o fato de se tratar de um caso real e estar em risco a vida de duas jovens mantidas reféns sob a mira de uma arma". O sequestro de Eloá Pimentel e Nayara Rodrigues ocorreu de 13 a 17 de outubro, no ano de 2008, tendo sua duração estimada em torno de 100 horas. Para além da notoriedade que ganhou por sua natureza – um sequestro que foi "motivado" pelo fim de um namoro que se iniciou quando Eloá tinha 12 anos e o namorado, Lindemberg Alves, 19; e que já carregava um histórico de agressões –, também foi um dos primeiros casos policiais cobertos pela instantaneidade do webjornalismo em uma época em que o acesso do público ao ambiente virtual já não era mais tão restrito.

O sequestro teve início na tarde do dia 13 de outubro de 2008, com o cárcere de Eloá no apartamento em que morava com a família em Santo André, no ABC Paulista. Na ocasião, ela estava junto de três colegas da escola: Nayara Rodrigues, Victor de Campos e Iago de Oliveira. O sequestro teria sido motivado pelo fim do relacionamento de Eloá, de 15 anos, e Lindemberg, que, na época, tinha 22. Os quatro adolescentes estavam reunidos para realizar um trabalho escolar de geografia quando Lindemberg invadiu o apartamento no período da tarde, fazendo o grupo de refém. Iago e Victor, no entanto, foram liberados por volta das 23h do dia 13.

⁶ O livro "Tragédia de Eloá" foi publicado em 2008 e contém a cronologia do caso. No entanto, ele está esgotado e, por isso, não foi utilizado para a construção do subcapítulo 2.1. Então, para construir a cronologia do caso, utilizamos notícias jornalísticas que serão referenciadas por seus links em notas de rodapé.

Lindemberg se mostrou instável desde o princípio do sequestro, tendo disparado a arma duas vezes ainda nesta data⁷. Segundo o que contou ao seu pai, Nayara não quis ser liberada junto com Vitor e Hiago porque tinha medo de deixar a melhor amiga sozinha com o ex-namorado. O metalúrgico Luciano Vieira, pai de Nayara, disse ao g1 que "Ela não quis sair porque ele [o sequestrador] disse que ia matar a amiga dela"⁸.

No segundo dia de sequestro, 14 de outubro, foram ouvidos dois disparos no apartamento – um pela manhã, às 9h30; e outro à tarde, às 15h30⁹. O segundo dia de sequestro marcou, também, o início de uma cobertura mais ostensiva do acontecimento por parte do jornalismo, com a montagem de uma espécie de “alojamento” ao redor do condomínio em que Eloá era mantida refém. A estratégia adotada pela polícia, após os disparos, foi cortar a energia elétrica do apartamento e conduzir a negociação de forma pacífica pelo telefone. Pouco após às 22h, a energia foi restabelecida no apartamento e, logo após, Nayara foi liberada pelo sequestrador.

O dia 15 de outubro marcou 40 horas de cárcere. O frenesi da mídia se acentuou: foi o dia em que vários veículos jornalísticos descobriram e ligaram para o telefone celular do sequestrador, bloqueando a linha para negociação por parte da polícia. Foi nessa data que ocorreu o mais famoso símbolo do absurdo cometido pela invasão da mídia no caso: a entrevista conduzida ao vivo por Sonia Abrão e Luiz Guerra com o sequestrador¹⁰. Mas eles não foram os únicos: jornalistas da SPTV, da Rede Globo; da Folha Online e da Rede Record também ligaram para Lindemberg.

Por volta das 14h do mesmo dia, a polícia fechou um acordo com o sequestrador, que havia dito que iria entregar a arma e liberar Eloá. O combinado não foi cumprido, e o motivo para tal não foi explicado por Lindemberg. “Ele disse que só vai liberá-la quando quiser, ele está se sentindo uma vedete. Tivemos de recomeçar do zero”, declarou o responsável pela negociação¹¹. Do lado de fora, a

⁷ Disponível em: <https://g1g1lobo.com/Noticias/SaoPaulo/0.,MUL798018-5605.00.html> Acesso em: 11/09/2023

⁸ Disponível em: <https://g11.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0.,MUL798018-5605.00.html> Acesso em: 11/09/2023

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0.,MUL798148-5605.00.html> Acesso em: 11/09/2023

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VT3aRevv3OM&t=2s> Acesso em 11/09/2023

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0.,MUL800443-5605.00.html> Acesso em 11/09/2023

espetacularização do caso estava cativando o público, e Eloá recebia apoio através de comunidades no Orkut. Após ter sido liberada, Nayara deu um depoimento de seis horas à polícia.

Na quinta-feira, 16 de outubro, a dinâmica do sequestro já estava afetando a vida dos outros moradores do condomínio: alguns deles estavam sendo impedidos de deixar suas casas até mesmo para trabalhar. Neste dia, Nayara voltou a ser feita de refém por Lindemberg. À época, a polícia disse que a garota retornou ao apartamento porque queria. Depois, mudou a versão e disse que a volta de Nayara havia sido uma exigência de Lindemberg para que se entregasse, o que não aconteceu. Além disso, Nayara, que tinha 15 anos, foi levada de volta ao cativeiro pela polícia sem a autorização de seu pai¹².

O superintendente do clube de futebol São Paulo, time para o qual o rapaz torcia, também tentou interferir no caso após o sequestrador pendurar uma camiseta do time na janela. Foi até o conjunto habitacional, mas a polícia achou melhor que nada fosse feito.

O sequestro teve fim no dia 17 de outubro. O advogado de Lindemberg havia, nesta data, entregue um documento que garantia a integridade física do sequestrador, assinado pelo promotor do MP, e, ao que tudo indicava, o caso estava se encaminhando para uma rendição. O Grupo de Ações Táticas (Gate) invadiu o local após escutar um suposto tiro no apartamento – mais tarde, foi comprovado que o barulho teria sido de uma mesa sendo arrastada. Houve troca de tiros. Nayara foi atingida por um tiro no rosto, e Eloá foi atingida por dois tiros, um na púbis e outro na cabeça. Após os disparos e a movimentação para levar as vítimas para o hospital, a assessoria do Governo do Estado de São Paulo cometeu um erro ao anunciar a morte de Eloá enquanto ela ainda estava viva e passava por uma cirurgia. A informação foi corrigida minutos depois. Dois dias após, a morte cerebral de Eloá foi constatada¹³.

Especialistas em resgate de reféns criticaram a ação da polícia militar no sequestro de Eloá Pimentel¹⁴. As principais observações foram a respeito da reinserção de Nayara no cativeiro e da falta do uso de tecnologia para que a invasão

¹² Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0..MUL802609-5605.00.html> Acesso em 23/11/2023

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0..MUL804318-5605.00.html> Acesso em 11/09/2023

¹⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0..MUL803748-5605.00.html> Acesso em 11/09/2023

da polícia pudesse ter sido feita antes – em um momento em que o sequestrador estivesse dormindo, por exemplo.

No dia 18, anterior à morte de Eloá, o governador do estado de São Paulo, José Serra, foi até o hospital em que as meninas estavam internadas para prestar solidariedade¹⁵. No mesmo dia, o coronel Eduardo José Félix, um dos responsáveis pelo caso, afirmou em coletiva de imprensa que Lindemberg agrediu Eloá durante as 100 horas de sequestro¹⁶. Entre as agressões, segundo o coronel, houve chutes, tapas e puxões de cabelo. A família de Eloá autorizou a doação de seus órgãos. Seu corpo foi velado no dia 20 de outubro, e 27 mil pessoas participaram do cortejo fúnebre.

Lindemberg não soube imediatamente da morte de Eloá. De acordo com sua advogada, a omissão foi feita para que ele se acalmasse na cadeia e voltasse a se alimentar para que, recomposto, pudesse depor. Ele só foi comunicado da morte de Eloá no dia 23. Segundo os defensores, ficou triste e chocado.

Lindemberg foi julgado três anos e quatro meses após a morte de Eloá. O julgamento durou quatro dias no Fórum de Santo André. Foi condenado a 98 anos e dez meses de prisão pelos doze crimes dos quais foi acusado: homicídio qualificado de Eloá, tentativa de homicídio de Nayara e do sargento da Polícia Militar Atos Valeriano, sequestro e cárcere privado de Eloá, Nayara e dos outros dois jovens que ficaram reféns, Victor Lopes de Campos e Iago Vilela de Oliveira, além de disparo de arma de fogo¹⁷.

Na leitura da sentença, a juíza responsável pelo caso destacou a participação de Lindemberg na mídia como agravante do comportamento maldoso do sequestrador. Em 2013, no entanto, a Justiça de São Paulo reduziu a pena de Lindemberg para 39 anos e três meses após seu advogado ter recorrido à sentença¹⁸. Em 2021, o detento conseguiu progressão para o regime semiaberto¹⁹,

¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL803762-5605,00.html> Acesso em 11/09/2023

¹⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,g1L803899-5605,00.html> Acesso em 11/09/2023

¹⁷ Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/02/16/lindemberg-e-condenado-pela-morte-de-elo-pimentel-e-mais-11-crimq1.htm> Acesso em 11/09/2023

¹⁸ Disponível em:

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/justica-de-sp-reduz-de-pena-de-lindemberg-alves.html> Acesso em 11/09/2023

¹⁹ Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2021/06/09/justica-concede-regime-semiaberto-a-lindemberg-alves-condenado-pela-morte-de-elo.ghtml> Acesso em 11/09/2023

mas teve o benefício revogado quatro meses depois²⁰. Em 2022, novamente, foi concedido o regime semiaberto ao sequestrador, que segue dessa forma desde então²¹.

Após o cárcere privado, Nayara cursou engenharia e hoje leva uma vida discreta. Raramente se pronunciou sobre o caso. Em 2018, a Justiça de São Paulo condenou o governo do estado a pagar uma indenização de R\$150 mil por danos morais, materiais e estéticos à vítima. A seguir, trataremos especificamente da forma como os jornalistas cobriram o caso.

2.2 A interferência do jornalismo

Em entrevista ao programa Linha Direta, o jornalista Cesar Tralli declarou que a polícia, no início do caso, não estabeleceu limites para o trabalho jornalístico durante a cobertura do sequestro de Eloá Pimentel. Do ponto de vista do profissional, era evidente que os jornalistas iriam querer estar o mais próximos possíveis do fato. Por outro lado, ainda segundo Tralli, o papel da polícia seria garantir o oposto, para que o caso pudesse ser trabalhado com o máximo de tranquilidade possível (Tralli, 2023)²².

Nos programas televisivos, o sequestro recebia muito destaque em coberturas ao vivo que atualizavam a situação a todo momento. Com as novidades constantes, o modo como o caso foi noticiado não só lhe deixou potencialmente mais perigoso, como também alimentou no público o desejo de acompanhar esses desdobramentos, segundo Sampaio (2010, p. 4): "Esses casos passaram de caso policial com alto risco de morte para os envolvidos para uma novela da vida real."

As redes mais conhecidas de jornalismo se debruçaram massivamente sobre o crime em andamento. O g1, veículo digital de maior destaque da Rede Globo, publicou 171 notícias sobre o sequestro somando os cinco dias de cárcere privado e os onze dias que seguiram a morte de Eloá.

No terceiro dia de sequestro, como foi dito, as emissoras descobriram o número do telefone celular de Lindemberg. Dentre as tentativas de contato que

²⁰ Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2021/09/08/justica-revoga-regime-semiaberto-d-e-lindemberg-alves-condenado-pela-morte-de-eloa.ghtml> Acesso em 11/09/2023

²¹ Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2023/05/05/caso-eloa-15-anos-apos-o-crime-lindemberg-tem-rotina-de-leitura-e-trabalho-em-prisao-com-presos-famosos-em-tremembe-sp.ghtml> Acesso em 11/09/2023

²² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11591268/?s=22m45s> Acesso em 23/11/2023

conseguiram chegar ao sequestrador, duas ganharam grande repercussão: a entrevista de Luiz Guerra, da RedeTV, com Lindemberg e a entrevista de Sonia Abrão, também da RedeTV, com Lindemberg e Eloá.

Luiz Guerra foi o primeiro a ligar para Lindemberg. A entrevista foi gravada²³ e, posteriormente, exibida no programa "A tarde é sua", comandado por Sonia Abrão. O repórter iniciou o contato alegando ser um amigo da família, mas logo cedeu e contou que era jornalista.

Logo no início, disse que a intenção da entrevista era ajudar o sequestrador e que, se assim fosse seu desejo, a entrevista seria gravada e o que ele quisesse seria posto no ar. Perguntou se ele estava tratando bem Eloá (o quê, obviamente não estava fazendo), e questionou se a atitude de prender a garota teria sido motivada por desespero. À última questão, o sequestrador responde que, se estivesse desesperado, daria um tiro em sua própria "cara". Demonstrou ainda mais instabilidade quando disse "eu 'tô' sem sentimento nenhum. 'Tô' frio 'pra caralho'". Mesmo assim, Luiz Guerra seguiu tratando o rapaz com carinho, chamando-o de "filho" e "querido" durante toda a conversa.

Depois, para "provar" que estava tratando bem a vítima, Lindemberg passou o telefone para Eloá. A jovem disse ao repórter que estava tudo tranquilo, mas que gostaria de almoçar e estava fraca. Questionada se Lindemberg estava lhe tratando bem, disse que sim, mas com a voz trêmula e claramente segurando o choro, demonstrava o contrário. Ela finaliza, já chorando, dizendo que gostaria de mandar um beijo para seu pai e sua mãe e dizer que os ama muito. Disse que estava orando muito e que sabia que as coisas iriam terminar bem.

Nesse momento, Lindemberg retomou o controle do celular e começou a falar mal da atuação da polícia. Disse que foi surpreendido enquanto ele e Eloá dormiam por um toque da polícia na campainha e que, por conta disso, quase atirou na menina. Ou seja, o rapaz estava aproveitando o espaço cedido pelo jornalista para afirmar, indiretamente, que a instituição policial seria responsável caso o sequestro terminasse mal.

A conversa seguiu com Guerra consolando Lindemberg, com frases como "a gente confia em você", "você é um rapaz do bem que não quer fazer nada de errado". Lindemberg disse que não queria que ninguém se aproximasse do prédio e relembrou que, no dia anterior à entrevista, ele havia atirado nos arredores do prédio

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y3og1zkxUQE> Acesso em 28/09/2023

para que todos ficassem cientes de que ele tinha muita munição. Finalizou dizendo que pretendia libertar Eloá ainda naquele mesmo dia. Após a exibição da entrevista gravada no programa, o advogado Ademar Gomes, convidado por Sonia Abrão para debater sobre o caso, disse que esperava que o sequestro acabasse em casamento entre Lindemberg e sua "namorada apaixonada".

Nesse mesmo dia, Sonia Abrão ligou para o telefone celular de Lindemberg ao vivo no seu programa "A tarde é sua"²⁴. Ela lhe fez várias perguntas, como os motivos que o levaram a sequestrar a ex-namorada e quais seriam seus próximos passos com relação à situação. Durante a entrevista, Sonia tomou para si o papel de negociadora, além de ter dito que estava dando uma oportunidade para que Lindemberg mandasse um "recado para o Brasil". Conforme ele respondia, a apresentadora tentava consolar o rapaz, dizendo que ele não era um "menino" do mal, que seria incapaz de matar Eloá. Ela chegou a propor um acordo com o sequestrador: de que ele entregaria as munições da arma para Eloá e ela deixaria o apartamento e, logo em seguida, ele desceria as escadas com as mãos para o alto, se rendendo. Lindemberg até diz que era isso que seria feito, mas que aconteceria na hora certa. Conforme o desfecho já conhecido do caso, isso não aconteceu em nenhum momento.

Sonia conseguiu convencer Lindemberg a passar o celular para Eloá e, durante um breve momento, pôde conversar com a garota. Sonia perguntou se ela estava bem, se estava tranquila – coisa que a jovem, com certeza, não poderia responder com sinceridade por estar no mesmo ambiente de seu agressor. Também perguntou se ela havia comido. Durante os cerca de dez minutos de duração dessa chamada, a ligação foi interrompida cinco vezes. Nunca se soube se a ligação estava sendo interrompida pelos policiais ou se eram apenas falhas técnicas. Na conversa, Lindemberg demonstrou comportamento instável, em momentos ameaçando matar Eloá e, em outros, dizendo que iria libertar Eloá e tudo acabaria bem. Diferentemente da conversa com Luiz Guerra, essa entrevista foi exibida ao vivo, sem cortes, para a audiência do Brasil inteiro.

Além da Rede TV, outros canais entraram em contato direto com Lindemberg. A Rede Record, por exemplo, também explorou bastante o sequestro. O jornalista Reinaldo Gottino, do SP Record, também entrou em contato com o sequestrador. Essa gravação não se encontra disponível na íntegra na internet. No entanto, a

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VT3aRevv3OM> Acesso em 28/09/2023

Record fez uma nova entrevista com Reinaldo sobre o caso, em que trechos da conversa são exibidos em seu decorrer²⁵. Nesse caso, durante a conversa, novamente Lindemberg repetiu que a polícia não deveria se aproximar e que, se esse combinado fosse cumprido, o caso terminaria bem. Além disso, também afirmou que, se Eloá estava naquela situação, era porque ela merecia, já que não havia aceitado o contato quando ele tentou de forma amigável.

Novamente, a imprensa cedeu espaço para que o sequestrador culpasse outros por seus atos. No episódio que lembrava a entrevista, Gottino pontuou que o sequestrador havia percebido que, através da imprensa, ele poderia ter a oportunidade de sair vivo do caso – como se a imprensa pudesse lhe proteger.

No programa vespertino "Hoje em dia", também da Rede Record, os apresentadores debatiam e especulavam exaustivamente os motivos que teriam levado Lindemberg a sequestrar sua namorada. Também faziam apelos para que o sequestrador liberasse Eloá do cárcere. Em dado momento, Ana Hickmann, uma das apresentadoras, pediu para que Lindemberg fosse até a janela e acenasse para a câmera da Record para confirmar que estaria tudo bem com todos os envolvidos no caso²⁶. Mais do que, meramente, dar uma confirmação ao público do estado dos jovens, ser "notado" pelo agente de um caso que mobilizava o Brasil inteiro conferiria um papel de destaque à Record. Lindemberg possuía televisão em casa e podia acompanhar a cobertura, e ser a emissora escolhida para que ele mesmo pudesse acompanhar o caso poderia servir para comprovar, indiretamente, a qualidade da rede. Ela fez o apelo por duas vezes, e não obteve nenhum retorno.

Situação similar também aconteceu na Bandeirantes. Apesar de ter condenado a atuação de Sonia Abrão em seu programa²⁷, "Brasil Urgente", José Luís Datena também pediu por uma interação com Lindemberg. Ele solicitou que, caso estivesse lhe assistindo, que apagasse e acendesse a luz de seu apartamento. O ato de piscar a luz do local em que o "Cidade Alerta" está sendo assistido é costume dos telespectadores.

A Rede Globo também conversou com o sequestrador, através da jornalista Zelda Mello. A emissora exibiu trechos da entrevista gravada no programa ao vivo, em que o sequestrador dizia que iria libertar Eloá assim como libertou Nayara. A

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=58QaiCyUZUM> Acesso em 28/09/2023

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O7-nskMH-sU> Acesso em 28/09/2023

²⁷ Disponível em: <https://q1w.youtube.com/watch?v=3NBohhUYQG4> Acesso em 28/09/2023

gravação, no entanto, não se encontra disponível na internet. Trechos de uma entrevista²⁸, não se sabe se a mesma de Zeldia Mello, estão disponíveis no site da cobertura completa do caso. Lindemberg também conversou com repórter da Folha Online, mas a entrevista também não se encontra disponível.

O assédio do jornalismo na cobertura do caso, principalmente as interferências do dia 15 de outubro, virou pauta de discussão e segue gerando críticas mesmo após 15 anos do sequestro. O documentário "Quem matou Eloá?" (Lívia Perez, 2015) pondera sobre a maneira que o jornalismo refletiu, através da cobertura, os costumes de uma sociedade patriarcal – onde o homem, Lindemberg, muitas vezes era tratado como um "menino perdido", apesar de estar cometendo um crime grave. Enquanto isso, a segurança de Eloá que, de fato, era uma menina de 15 anos, foi colocada em segundo plano. Segundo Cynthia Vianna, a mídia acabou por legitimar o feminicídio, pois foi adotado um enfoque androcêntrico²⁹ na cobertura (Vianna, 2010, p.6).

Para Silvia Ramos e Anabela Paiva (2007), dar destaque aos criminosos na mídia é, também, dar a ele a sensação de reconhecimento: "Parece indiscutível que este destaque favorece ao menos em parte os bandidos, reforçando a sua liderança, mesmo que a reportagem acuse o criminoso dos piores atos" (Ramos e Paiva, 2007, p. 62). O desenrolar do sequestro de Eloá corrobora com a visão das autoras, visto que Lindemberg passou a utilizar a imprensa como um método de garantir sua segurança (tanto que, em negociação com os policiais, pediu para que no momento da sua suposta rendição a imprensa estivesse cobrindo). Nayara chegou a dizer, em seu depoimento, que Lindemberg se vangloriava por estar causando todo esse frenesi³⁰. Vale lembrar que o rapaz tinha feito acordo com a polícia para que Eloá fosse liberta e, após o contato com os jornalistas, não cumpriu o que havia combinado.

Em seu site, o Observatório da Imprensa publicou um artigo³¹ no mês de outubro de 2008 em que criticava a maneira com a qual o caso foi conduzido. Para

²⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0..MUL801567-5605.00.html> Acesso em 4/12/2023

²⁹ O termo androcentrismo foi criado em 1903 pelo sociólogo Lester F. Ward. É um conceito intimamente ligado à noção de patriarcado que trata às perspectivas que consideram o homem no centro de tudo.

³⁰ Disponível em:

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/02/nayara-depoe-em-juri-de-lindemberg.html> Acesso em 27/12/2023

³¹ Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/uma-segencia-de-erros/> Acesso em 2/10/2023

Freizer, Reicinaer e Sher (2008), a mídia encorajou o bandido, e a polícia errou em não ter regulado o trabalho jornalístico:

Talvez o principal erro da polícia tenha sido se deixar levar pela imprensa, que mostrava Lindemberg como uma pessoa pacata e trabalhadora. Deveriam, desde o princípio, tê-lo considerado como bandido, já que mantinha apontadas para as vítimas duas armas de fogo (Freizer; Reicinaer; Von Sher, 2008).

Além disso, os autores também corroboram com a visão de Ramos e Paiva (2007) no que diz respeito ao efeito que ocupar uma posição de destaque tem nos criminosos:

Deixar o acusado falar com a imprensa e manter por todo o tempo as equipes de reportagens próximas do local também são erros que devem ser atribuídos à polícia. Com o assédio da imprensa, o seqüestrador passou de um simples rapaz de 22 anos que mantinha a ex-namorada e sua amiga como reféns a 'príncipe do gueto', segundo palavras do próprio Lindemberg (Freizer; Reicinaer; Von Sher, 2008).

O certo é que os veículos jornalísticos acabaram tomando para si um papel para o qual não estão preparados, nem faz parte de suas finalidades (Reginato, 2019), por isso surge a questão do quanto foi ético o comportamento da imprensa.

2.3 Ética jornalística e sensacionalismo

Em suas origens, as palavras *moral* e *ética* tinham significados similares que remetiam a costume, caráter e maneira de ser. Moral vem do latim *morales*, enquanto ética deriva de *ethos*, termo grego. Conforme o tempo foi passando, novos pensadores passaram a refletir sobre esses termos, e os significados dessas palavras foram se afastando. Moral passou a representar o conjunto de costumes que compunha um determinado recorte cultural e histórico, enquanto a ética trazia o sentido de reflexão sobre a moral.

Para Chauí (2005), uma conduta só é ética quando atinge a consciência de quem a pratica de forma livre. Ou seja, ela surge quando o sujeito pode optar entre ações distintas em que pesam interesses pessoais e coletivos. Para Christofolletti (2008), a moral representa um conjunto de valores que orienta as ações e os julgamentos humanos. Seriam valores como bondade, honestidade, igualdade e respeito. Segundo o autor, a partir desses valores, os sujeitos selecionam suas

condutas. A maneira que esses valores se operacionalizam é o que chamamos de ética.

Na atividade jornalística, a ética já era objeto de estudo desde o século 17. Tobias Peucer foi um dos primeiros a pensar sobre a prática e a técnica do jornalismo dentro do ambiente acadêmico. Ele era formado em teologia e medicina, sequer era jornalista, mas presenciou uma efervescência de mudanças políticas e sociais após a reforma luterana. Em sua tese de doutorado – a primeira tese sobre jornalismo defendida em uma universidade, em 1690 –, Peucer defendeu que o jornalismo deveria ser estruturado por três pilares: verdade, justiça e ética. Também considerava que o relato direto do jornalista tinha mais valor para a notícia do que o que era compartilhado por outras pessoas. Indiretamente, ele estava defendendo que o jornalista precisava estar junto aos fatos. Para elaborar relatos dos casos, os jornalistas precisavam ter juízo para que rumores mentirosos fossem deixados de lado, já que o que precisaria de atenção eram as coisas públicas – as que, de fato, mereciam ser contadas (Peucer, 2000, p. 199-214).

Para Peucer, a necessidade que os jornalistas têm de noticiar um fato instantaneamente após a sua ocorrência os dá mais licença para errar do que os historiadores, por exemplo, já que existe uma certa pressa em disponibilizar as informações para o público que faz parte da profissão. Apesar da distância cronológica entre 1690 e o século 21, algumas das discussões suscitadas por Peucer ainda se mantêm na sociedade contemporânea. A questão do tempo para apuração, do lucro, do conceito de notícia, da seleção das informações, o direito à privacidade dos personagens envolvidos nos fatos e a ética (Costa, 2009) são alguns dos tópicos que seguem em voga.

Para Edmund Lambeth (1992), há duas correntes principais nos estudos sobre imprensa: a corrente teleológica e a corrente deontológica. A corrente teleológica, também chamada de consequencialista, prioriza, como o nome diz, as consequências do ato, ou seja, no caso do jornalista, ele deve ser orientado pelo que traz mais benefícios éticos para o maior número de pessoas. O profissional deve optar, portanto, pelo que trará melhores resultados para a sociedade. Essa lógica já era defendida pelos gregos Aristóteles, Sócrates e Platão e foi ganhando seguidores com o tempo.

A corrente deontológica, baseada nos princípios de Immanuel Kant, considera que uma conduta só pode ser eticamente aceita se for universal, não

importando a consequência de seu ato (Bucci, 2000). Ela deriva do termo grego *deontos* e é o tratado dos deveres morais das pessoas, "o que deve ser" (Sampaio, 2010). Ainda segundo Bucci, no entanto, não existe uma corrente ideal que, sendo adotada, funciona para todas as situações que podem afligir os jornalistas:

[...] no ofício jornalístico, não existem nem deontologistas puros nem utilitaristas puros. As duas correntes se mesclam, com uma sutil inclinação para aquela que prevê a responsabilidade dos agentes sobre seus atos e as consequências deles (Bucci, 2000, p. 24).

É importante pontuar, no entanto, que essas correntes foram formuladas por homens e que, por conta disso, tendiam a não considerar as experiências de mulheres. Com a crescente dos estudos feministas, no século 20, surgiu também a necessidade de discutir a ideia de uma ética partindo de uma perspectiva feminina, principalmente nas experiências relativas aos trabalhos de cuidado performados por mulheres, fazendo uma revisão de conceitos fundamentais para o debate da ação moral. A ética do cuidado ou ética feminista, citada pela primeira vez por Carol Gilligan (1982), defende que a moralidade feminina se importa mais com questões como o cuidado, relacionamentos, sentimentos, comprometimento e proteção, do que com noções mais abstratas como justiça e imparcialidade (Gilligan, 1982). Para Carlos Camponez (2014), no jornalismo, a adoção da ética do cuidado enquanto ferramenta não prejudicaria o dever de objetividade da profissão, mas, sim, reenquadra esse conceito e "tenta levá-lo mais longe no seu esforço de entendimento da ação humana, dos valores-notícia e dos factos a serem noticiados" (Camponez, 2014, p. 120), levando em conta, também, a subjetividade e o respeito no processo de produção da notícia.

Além disso, é preciso que se encare a profissão jornalística como ela é: coletiva. Cada pessoa tem o seu valor ético, e uma notícia, raramente, é feita por uma pessoa só: o repórter apura e redige mas, além dele, o editor também lê a matéria, levando em consideração seus próprios princípios e os princípios da organização para qual trabalha. Além desses dois personagens no ciclo de produção noticioso ainda existem outros (como fotógrafos, editores, etc), e cada um desses indivíduos possui o seu próprio conjunto moral, que não necessariamente conversam entre si, conforme corrobora Paulo Lima:

A ética no jornalismo começa onde tem início a ética do cidadão. Ou seja, a resolução da questão ética depende também do que o jornalista considera

como seu dever de cidadão. O estabelecimento dessa semelhança desmistifica algumas posições tão comuns aos jornalistas (...). Então, para manter uma postura ética, a despeito das pressões que venha a sofrer da empresa onde trabalha (e elas variam de uma para outra), o jornalista deve manter a consciência de que o seu limite é o limite do cidadão. (Lima, 2004, p.02)

Ou seja, além das competências técnicas para a elaboração de matérias, também é importante que os profissionais, em si, sejam éticos. Mesmo assim, por vezes, ética e técnica acabam perdendo espaço frente aos interesses mercadológicos, como aconteceu no Caso Eloá, que ultrapassou muitos limites do que seria sensato em sua cobertura para priorizar o lucro das empresas com a grande audiência.

A valorização da notícia como fonte de informação e formação de opinião dá lugar à valorização mercadológica desta notícia. Assim, inúmeros assuntos que são de interesse público perdem lugar para aqueles que dão ibope e, conseqüentemente, mais lucros às empresas (Sampaio, 2010, p. 2).

Como o conjunto moral de cada indivíduo é muito subjetivo, existem alguns instrumentos criados com o intuito de servir como um guia para os profissionais. São os códigos de ética. No Brasil, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros foi feito pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), e veio à público em 2007³².

Falando especificamente do Caso Eloá, a cobertura feriu vários dos tratados que compõem o código. O inciso III, capítulo I, expressa que "a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão". Portanto, para ter licença para cobrir um caso, deveria ser levada também em consideração a responsabilidade social da profissão – que pode servir para informar, mas também serve para mudar e pautar a sociedade. Se a cobertura for feita de forma a priorizar somente a audiência frente à qualidade e ao bom senso na hora de informar, há grande risco de que um caso delicado, como foi o de Eloá, seja espetacularizado e transformado em mero material para entretenimento dos espectadores.

O artigo 4º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros diz que "o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação". Quando acontecem casos que são tão explorados pelos veículos

³² Disponível em:

https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf
Acesso em 9/1/2023.

comunicacionais a ponto de comover grande parte do público, é comum que as notícias sejam redigidas com cada vez mais pressa, sem a devida atenção que deveriam ter para que o rigor das informações pudesse ser respeitado. No caso de Eloá, as atualizações constantes e frenéticas faziam com que informações que não eram confirmadas fossem ao ar, tanto em notícias televisivas ao vivo, quanto em notícias em texto – como foi o caso da nota que divulgava a morte de Eloá, emitida pela Prefeitura de São Paulo, enquanto ela ainda estava viva.

Segundo Reginato (2019), a principal finalidade do jornalismo é informar de modo qualificado:

Informar de modo qualificado significa fornecer para a sociedade a síntese dos principais acontecimentos, garantindo o acesso de diferentes públicos a essa informação. Para ser qualificada, a informação deve ser verificada, relevante, contextualizada, plural e envolvente (Reginato, 2019, p. 224).

Consequências da verificação são a precisão, a redação correta de termos, nomes, datas, etc; elementos que são fundamentais para garantir a credibilidade jornalística (Reginato, 2019, p. 224-225). Portanto, podemos concluir que, ao excluir-se a verificação dos fatos – como provavelmente ocorreu com a Prefeitura de São Paulo ao publicar uma nota de falecimento sem que Eloá tivesse morrido – não só perde-se a credibilidade jornalística – considerando que a nota deve ter sido redigida pela assessoria de imprensa –, como também o próprio jornalismo deixa de cumprir com seu principal dever. Além disso, durante toda a cobertura ocorreu divulgação de informações não verificadas, descontextualizadas e irrelevantes.

Outra maneira que a cobertura do caso desrespeitou o Código de Ética foi com relação ao que deveria garantir direito a integridade da imagem do cidadão, vedando a exposição de Eloá e das outras vítimas envolvidas. Segundo o documento, é dever do jornalista respeitar o direito à imagem, não podendo "expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais". Todos esses deveres foram desrespeitados: Eloá e Nayara não só tiveram suas imagens divulgadas (quando tinham menos de 18 anos, o que também fere o Estatuto da Criança e do

Adolescente [ECA]³³), como também foram expostas, por repetidas vezes, enquanto estavam correndo risco de vida.

Além disso, segundo o Código, o jornalista não pode divulgar informações de caráter sensacionalista – que é diferente da proposta de Reginato (2019) de informação envolvente. No livro "Jornalismo popular" (2006), Márcia Amaral defende que, em geral,

"o sensacionalismo está ligado ao exagero; à intensificação, valorização da emoção; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e inversão de conteúdo pela forma (Amaral, 2006, p. 21).

Ainda segundo Amaral, o sensacionalismo pode servir para caracterizar várias estratégias da mídia, como a exploração do sofrimento humano e a banalização da violência (Amaral, 2006, p. 21). Muitas características do Caso Eloá se enquadram nesse tipo de jornalismo – as entrevistas ao vivo com o sequestrador, a dramaticidade com que os apresentadores noticiavam e atualizavam o caso, a repetição de mesmas informações apenas para que se mantivessem tratando do sequestro que mobilizava o país inteiro são alguns exemplos dessa conduta.

Portanto, para que um fato seja merecedor de ser noticiado, não basta apenas que ele preencha um ou mais valores-notícia, mas, também, que ele seja trabalhado de forma responsável e ética, sem ferir o Código de Ética dos Jornalistas e sem ser sensacionalista. Porque quando o jornalismo cobre um acontecimento de forma massiva, como fez com o sequestro de Eloá, ele acaba potencializando a sua notoriedade. Assim, insere a ocorrência na vida dos espectadores, que passam a acompanhar as notícias como se fossem *reality shows* ou novelas. No documentário "Quem matou Eloá", a militante feminista Elisa Gargiulo defende que ao

apontar a câmera para uma cena real de sequestro e editar como se fosse um filme de ação, a ideia é subtrair a realidade do fato. Você transforma aquilo numa narrativa de filme pra dar a impressão para quem está assistindo de que não é real (Gargiulo apud Perez, 2015).

Mas as consequências dessa decisão são reais e, muitas vezes, acabam reforçando comportamentos sociais. No próximo capítulo, trataremos das questões de gênero e do discurso do patriarcado, que perpassaram todo o Caso Eloá, e discutiremos como o jornalismo se posiciona em relação a essas problemáticas.

³³ Segundo o Artigo 17 do Capítulo II do ECA, a criança e o adolescente devem ter direitos invioláveis de preservação de imagem e identidade. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm Acesso em: 9/1/2023

3. Patriarcado, gênero e jornalismo

Neste capítulo, iremos abordar conceitos importantes para a temática da pesquisa, como gênero, patriarcado e feminicídio. Também analisaremos o contexto histórico e social do enfrentamento à violência de gênero no Brasil, as problemáticas das coberturas noticiosas do feminicídio e como isso afeta a ética jornalística.

Vários costumes enraizados na sociedade dão pistas sobre as relações de poder que a regem. A forma com que homens e mulheres são sociabilizados, desde ainda crianças, corroboram com os papéis de gênero estabelecidos a partir do patriarcado. Para Saffioti (2004), o gênero é a dimensão cultural e histórica de expressão do sexo: "gênero é a construção social do masculino e do feminino" (Saffioti, 2004, p. 45).

Enquanto meninos são ensinados que são fortes, inteligentes, viris e corajosos, as meninas, frequentemente, são ensinadas a serem impotentes. A ideia que é reforçada é de que devem ser boas, comportadas e não causar problemas. Que devem ser cuidadas porque são frágeis. Os discursos seguem após a infância, sendo legitimados em espaços como, por exemplo, a religião. Na bíblia cristã há várias passagens que colocam as mulheres como causadoras de desgraças na humanidade, pecaminosas que são as responsáveis pela expulsão do homem do paraíso. Por outro lado, os homens são os representantes da razão, são salvadores.

Os papéis de gênero também podem ser reforçados por elementos no campo comunicacional. Até pouco tempo atrás, por exemplo, era comum que propagandas de cerveja contassem com a participação de mulheres com pouca roupa, altamente sexualizadas, sendo utilizadas como dispositivos para captar a atenção do público masculino. Além disso, nas encenações, frequentemente, elas ocupavam a posição de servas dos homens.

Em um país que tem o machismo tão arraigado em sua cultura, não é de se estranhar a lentidão nos avanços da equiparação de direitos das mulheres. A percepção delas enquanto sujeitos que merecem direitos próprios é recente na história brasileira. Até 1916, mulheres ainda eram proibidas de realizar certas atividades sem autorização do marido – como era o caso, por exemplo, do direito ao trabalho. Além disso, as mulheres são frequentemente vítimas de violência.

Em 1984, o Brasil se tornou um dos Estados-parte da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher³⁴, primeiro tratado internacional que dispunha amplamente acerca dos direitos humanos das mulheres. Esse foi um dos primeiros compromissos públicos, firmados pelo Brasil, no âmbito dos direitos das mulheres.

Em 2006, com a criação da Lei Maria da Penha³⁵, o Brasil começou a formalizar o embate da violência contra a mulher. Maria da Penha foi vítima de violência doméstica durante 23 anos de casamento e sofreu duas tentativas de feminicídio do seu marido. Uma delas lhe deixou paraplégica. A lei, batizada com seu nome, se tornou o principal instrumento legal para punir, coibir e prevenir a violência doméstica no país. Foi construída após intenso debate entre juristas, parlamentares e organizações da sociedade civil, e é considerada pela Organização das Nações Unidas (ONU) a terceira melhor lei do mundo no enfrentamento à violência doméstica, ficando atrás da Espanha e do Chile.

O aperfeiçoamento legal causou impacto na redução da violência doméstica: o estudo "Avaliando a Efetividade da Lei Maria da Penha"³⁶, publicado em 2015 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) constatou que a lei fez reduzir cerca de 10% a taxa de homicídios contra as mulheres dentro das residências. Além da Lei Maria da Penha, outros aparatos legais visando a maior proteção das mulheres foram criados a partir da segunda metade dos anos 2000, como foi o caso da Lei nº 12.845³⁷, que garante atendimento integral às vítimas de violência sexual.

O feminismo teve papel fundamental nessa jornada pelo reconhecimento dos direitos das mulheres. No Brasil, o movimento foi muito importante em três momentos: na metade do século 19, quando mulheres de classe média e alta se organizaram para o início do movimento sufragista no país; no período da ditadura militar, em que o movimento de resistência das mulheres começou a estabelecer um discurso direto sobre a sexualidade e as relações de poder entre homens e mulheres; e no período de redemocratização, onde o movimento já era bem mais

³⁴ Disponível em:

https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/convencao_g1daw1.pdf Acesso em 23/11/2023

³⁵ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm Acesso em 23/11/2023

³⁶ Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3538/1/td_2048.pdf Acesso em 23/11/2023

³⁷ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112845.htm Acesso em 23/11/2023

estruturado e propunha reformas nas instituições, na atuação política do Estado e nos espaços públicos.

3.1 Violência de gênero e feminicídio

O aparato que guia a estruturação social de exploração-dominância masculina é o patriarcado: "como o próprio nome indica, é o regime da dominação/exploração das mulheres pelos homens" (Saffioti, 2004, p. 44). Resultado desse regime é a desigualdade em diversas esferas sociais: em média, as mulheres ganham 20,5% e menos do que os homens no Brasil³⁸. Além disso, em 2022, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou que as mulheres dedicavam 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas³⁹.

Para além da desigualdade, o patriarcado também tem outra forma de dominância: a violência de gênero.

A violência de gênero produz-se e reproduz-se nas relações de poder onde se entrelaçam as categorias de gênero, classe e raça/etnia. Expressa uma forma particular de violência global mediatizada pela ordem patriarcal, que delega aos homens o direito de dominar e controlar suas mulheres, podendo para isso usar a violência (Araújo, 2008⁴⁰).

Para Araújo (2008), a violência de gênero não está restrita às mulheres, mas a todas as vítimas de violência por homens causadas pelas relações de gênero. Algumas populações que também poderiam sofrer violência de gênero seriam adolescentes, crianças e membros da população LGBTQIAPN+. A violência é mais do que apenas física. Dentro desse guarda-chuva de aparatos para a opressão de minorias sociais, existem, pelo menos, outras dez formas de agressão, segundo o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (2016): a verbal, a restrição da

³⁸ Disponível em:

<https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/mulheres-ganham-em-media-205percent-menos-que-homens-no-brasil.ghtml> Acesso em 30/10/2023

³⁹ Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-o-u-ao-cuidado-de-pessoas#:~:text=Em%202019%2C%20as%20mulheres%20dedicavam,era%20de%209%2C6%20horas>. Acesso em 20/10/2023

⁴⁰ Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso&tling=pt Acesso em 23/11/2023

liberdade de crença, o gaslighting⁴¹, o controle e a opressão da mulher, a exposição da vida íntima, formas menos nocivas de violência física (como atirar objetos, sacudir e apertar os braços), o forçamento de atos sexuais desconfortáveis, o impedimento da prevenção da gravidez ou a obrigação da realização do aborto, o controle de dinheiro ou a retenção de documentos e a quebra de objetos da mulher (Brasil, 2016).

Dentro desse contexto, o feminicídio surge como o auge de um continuado de agressões: não é um incidente mais grave da violência doméstica, mas sim, um momento culminante de uma trajetória de violências (que nem sempre são físicas) contra a vítima (Brasil, 2015a).

A primeira vez que o termo *femicide*, em inglês, foi utilizado, foi no Tribunal Internacional de Crimes contra Mulheres por Diana Russell. Ela o qualificou como o crime cometido por um homem contra a mulher, que acaba culminando em sua morte. Depois Russell ressignificou o termo como "o assassinato de uma mais mulheres pelo fato de serem mulheres executado por um ou mais homens" (2012, p. 2). Os motivos podem ser ódio, desprezo, prazer ou o sentimento de serem donos das mulheres. Segundo Radford (2006), o feminicídio é, também, uma forma de violência sexual de controle com o objetivo de manter o patriarcado.

No Brasil, a Lei do Feminicídio⁴² entrou em vigor em 9 de março de 2015. O Código Penal Brasileiro passou a incluir o feminicídio entre os tipos de homicídio qualificado. É considerado crime hediondo, tal qual genocídio, estupro e latrocínio. Segundo Segato (2016), estamos no período histórico em que mais existem leis protegendo os direitos das mulheres, literatura publicada, capacitações específicas, prêmios e reconhecimentos por conquistas no campo dos direitos femininos. No entanto, mulheres continuam a ser assassinadas, seus corpos continuam vulneráveis à violência doméstica e à pressão estética.

Após a Lei do Feminicídio, os índices de assassinatos de mulheres tiveram queda imediata, mas, nos anos seguintes, voltaram a crescer. Em 2015, o número de assassinatos era 4,5 para cada 100 mil mulheres⁴³. Em 2016, o número se

⁴¹ Segundo o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, é "uma forma de abuso mental que consiste em distorcer os fatos e omitir situações para deixar a vítima em dúvida sobre sua memória e sanidade" (BRASIL, 2016)

⁴² Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm Acesso em 23/11/2023

⁴³ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/2898-atlasdaviolencia2017completo.pdf> Acesso em 26/11/2023

manteve em 4,5⁴⁴, mas em 2017 subiu novamente, para 4,7⁴⁵. Desde então, os números subiram (com ressalva para leve queda, de 2,4%, em 2021⁴⁶), batendo recorde em 2022: foram 1410 mulheres mortas por feminicídio⁴⁷. Em média, uma a cada 6 horas, durante todos os 365 dias que compuseram o ano, tudo isso em um período em que o fim do isolamento social ainda era muito recente.

Os números de 2022, inclusive, foram na contramão do número de assassinatos sem recorte de gênero, que foi o menor da série histórica do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Os crimes de feminicídio foram responsáveis por 35,88% dos assassinatos de mulheres do país. Além disso, 14 estados tiveram mais vítimas de feminicídios quando comparados ao ano anterior. A tendência é que os indicadores subam ainda mais quando somado, além da condição de gênero, o recorte de raça. Segundo o Atlas da Violência de 2021⁴⁸, produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 66% das mulheres assassinadas no Brasil em 2019 eram negras.

Em termos relativos, enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras foi de 2,5, a mesma taxa para as mulheres negras foi de 4,1. Isso quer dizer que o risco relativo de uma mulher negra ser vítima de homicídio é 1,7 vezes maior do que o de uma mulher não negra, ou seja, para cada mulher não negra morta, morrem 1,7 mulheres negras. (Cerqueira, et al, 2021, p. 38.)

Portanto, por mais que dispositivos legais que visam a proteção das mulheres tenham sido criados, a realidade segue sendo aterradora. Além de trabalharem mais e receberem menos⁴⁹, frequentemente serem responsabilizada pelos serviços de cuidado – assunto que, inclusive, foi o tema de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2023 –, as mulheres ainda precisam carregar a carga

⁴⁴ Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/2757-atlasdaviolencia2018completo.pdf>

Acesso em 26/11/2023

⁴⁵ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019> Acesso em 26/11/2023

⁴⁶ Disponível em:

<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>

Acesso em 26/11/2023

⁴⁷ Disponível em:

<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticiag1023/03/08/brasil-bate-recorde-de-g1minicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horasg1html> Acesso em 26/11/2023

⁴⁸ Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf> Acesso em 26/11/2023

⁴⁹ Disponível em: <https://istoedinheiro1com.br/mulheres-trabalham-mais-e-ganham-menos/> Acesso em 26/11/2023

mental, física e psicológica de serem alvo da violência de gênero, um dos dispositivos de dominação do patriarcado.

3.2 Femicídio e representação da mulher no jornalismo

Para Charaudeau (2006), o conceito de notícia pode ser resumido como um conjunto de informações com caráter de novidade que se relacionam a um espaço temático, fontes e inúmeras abordagens. Para entender sua função social, estruturação e processo de produção, o campo acadêmico da comunicação desenvolveu teorias que buscam categorizar e explicar o jornalismo, as notícias e reportagens.

Nesse sentido, diversos autores desenvolveram suas contribuições. A teoria mais antiga enxerga a atividade do jornalista como um espelho da realidade, um mediador entre o fato e a mensagem que o comunica. Para Nelson Traquina (2005), essa teoria é simplista e minimalista. Contribuições mais recentes tendem a entender a notícia como construtora da realidade em si mesma: são as teorias construcionistas. As notícias estariam, então, marcadas pela cultura e valores da sociedade, da comunidade jornalística, pelas rotinas e maneiras de produção de veículos comunicacionais. Alsina (2009) as conceitua como “uma representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção social de um mundo possível” (Alsina, 2009, p. 14). Para Traquina (2005), as notícias são resultado de processos de interação complexos entre agentes sociais: “os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização” (Traquina, 2005, p. 175).

Seguindo o raciocínio traçado pelas teorias construcionistas, com as quais esta pesquisa se identifica, as notícias nunca poderiam ser um retrato da realidade, porque o modo com que os valores e as normas hegemônicas da sociedade as atravessam influencia no resultado das produções noticiosas. Trazendo essas reflexões para a maneira que feminicídios são noticiados, podemos concluir que o modo como a cobertura é produzida, suas abordagens, o enquadramento e as informações que contém auxiliam na construção da forma como a sociedade irá interpretar o crime. No caso do sequestro de Eloá, por muitas vezes o jornalismo tratou Lindemberg como um garoto apaixonado que havia “perdido a cabeça” e, por

isso, não é estranho que o rapaz tenha conquistado até fã-clube, quando o caso aconteceu.

Mesmo que o Brasil tenha leis que garantam os direitos das mulheres, a cultura do país ainda é marcada profundamente pelo machismo e pela misoginia, conforme os números de violência previamente explicitados. Além disso, a cultura de valorização do homem e do machismo também podem influenciar a construção da notícia, tendo em vista que as redações acabam incorporando o que é senso comum. O complexo processo de produção das notícias, no entanto, não isenta o jornalismo e os veículos de comunicação da responsabilidade de informar com qualidade ou justifica a reprodução de preconceitos:

"Estes não constituiriam apenas uma das fontes básicas de informação e lazer: trata-se bem mais de um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós, os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante. Em suma: torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia constituem-se também como lugares de formação ao lado da escola, da família, das instituições religiosas." (Fischer, 2002, p. 153)

Mas será que os casos de feminicídio devem ser noticiados? Todos os dias bilhões de fatos acontecem. Alguns são totalmente imprevisíveis, mas não merecem espaço em jornais. Em contrapartida, outros fatos são previstos, mas ainda assim são noticiados. O que norteia a seleção são os chamados valores-notícia. Para Stuart Hall (1993), os valores-notícia são fornecedores de critérios que permitem aos jornalistas, editores e agentes noticiosos decidir "quais estórias são noticiáveis e quais não são, quais as estórias merecem destaque e quais as que são relativamente insignificantes, quais as que são para publicar e quais as que são para eliminar" (Hall, 1993, p. 225). São valores compartilhados pela comunidade jornalística e que se fazem presentes em toda a logística de fabricação da notícia: da seleção até a construção (Traquina, 2002).

Os valores de seleção são os requisitos que guiam um acontecimento para que ele seja transformado em notícia. Eles estão divididos em dois subgrupos. O primeiro são os critérios substantivos que, para Traquina "dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos de sua importância ou interesse como notícia" (Traquina, 2002, p. 78). São eles a proximidade, a notoriedade, a infração, a morte,

a notabilidade, a novidade, o inesperado e o conflito. Os casos de feminicídio se encaixam em mais de um desses critérios – morte, inesperado e conflito, por exemplo. O Caso Eloá também poderia se encaixar em mais alguns desses critérios, como novidade e infração. Já os critérios contextuais são mais ligados ao contexto de produção das notícias dentro das redações, e não à natureza do acontecimento (Traquina, 2002, p. 88). Alguns exemplos seriam a disponibilidade da equipe para a cobertura do acontecimento e o equilíbrio entre diferentes temáticas.

Os valores-notícia de construção referem-se aos critérios de seleção para recortar quais partes do acontecimento serão incluídas na notícia e de que forma. Alguns exemplos são personalização, ampliação dos fatos, estratégias de simplificação e dramatização. Outro critério de construção é o de consonância: “A lógica é a seguinte: quanto mais a notícia insere o acontecimento numa ‘narrativa’ já estabelecida, mais possibilidades a notícia tem de ser notada” (Traquina, 2002, p. 92-93).

No caso de Eloá, a narrativa do crime como mais um sequestro "passional" praticado por um jovem que havia "perdido a cabeça por amor" pode ser considerado como uma estratégia de consonância a uma lógica machista e patriarcal da sociedade brasileira. Tendo em vista, também, que o sequestro mobilizou o país inteiro por conta da massiva cobertura, a continuação do acompanhamento do caso com possíveis atualizações ou, até mesmo, noticiando a falta de atualizações, também podem ser vistas como estratégia de consonância, além de ampliação (o caso teve cobertura por vários dias), simplificação (já que não houve reflexão mais ampla sobre a violência contra as mulheres), personalização (também por não serem realizadas interpretações mais profundas e relacionadas a outros casos) e dramatização (pela forma como se construiu a narrativa).

Portanto, podemos concluir que a violência contra a mulher – e especialmente esse caso – marca vários dos requisitos dos valores-notícia. Quando se chega ao ápice da violência contra a mulher, que é o feminicídio, os valores de infração e violência fazem com que os casos sejam frequentemente trabalhados pelo jornalismo. Quanto mais brutal for o caso, maior a chance dele ser noticiado pelos veículos, já que a violência se encontra no topo da atenção noticiosa por ser uma ruptura fundamental da ordem social (Hall, 1993). O modo como essas notícias são produzidas, no entanto, podem contribuir negativamente para a maneira que a

sociedade irá interpretar os fatos. Além dos fatos em si, as marcas deixadas por essas impressões têm o poder de afetar os sentidos do imaginário do público.

A representação é um tema de destaque para os estudos culturais. Para Hall (2016), representação diz respeito à "produção de sentido pela linguagem" (Hall, 2016, p. 32). Ela pode ser dividida em três abordagens: reflexiva, intencional e construtivista. Para a vertente reflexiva, a linguagem refletiria os significados que já existem no mundo dos objetos, pessoas ou eventos. A abordagem intencional defende que a linguagem transmite apenas o que o emissor da mensagem quer, o significado intencional pretendido por ele. E a abordagem construtivista, a mais relevante dos estudos, defende que o significado se constitui na mensagem e por meio dela.

Para Hall, portanto, os fenômenos, acontecimentos e fatos não têm significados previamente definidos. A mídia (no caso do fenômeno pesquisado, o jornalismo) criaria esses significados através da própria mensagem, por isso, com pesquisa, é possível identificar quais os sentidos sobre Eloá presentes nas notícias do g1. No próximo capítulo, apresentaremos, justamente, a metodologia utilizada para responder ao nosso problema de pesquisa e a análise das descobertas.

4. Metodologia e análise das notícias do Caso Eloá

Neste capítulo, aprofundaremos conceitos com relação à metodologia escolhida para responder ao problema de pesquisa: a Análise do Discurso de linha francesa. Além disso, apresentaremos o objeto e a análise das reportagens do g1 sobre o caso.

4.1 A Análise do Discurso (AD)

Com o objetivo de compreender **quais os sentidos construídos sobre Eloá Pimentel pelo portal de notícias g1 durante a cobertura de seu sequestro e 15 anos depois**, utilizaremos a metodologia da Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Difundida após a década de 1960, a AD uniu conceitos do Marxismo, da Linguística e da Psicanálise. Foi um movimento impulsionado pelo filósofo francês Michel Pêcheux junto com seus alunos e surgiu como alternativa para compreender como um objeto simbólico (a linguagem) produz sentidos para e por sujeitos. Para Orlandi (1999, p. 15), o discurso é "a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando". Dessa maneira, a AD reflete sobre a forma como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. Por meio dos sentidos presentes, a metodologia busca entender a língua em sua discursividade e como ela se relaciona com o universo simbólico que constitui os sujeitos e sua história.

Para Benetti (2007), o discurso é constituído pela relação entre a linguagem e a exterioridade. Isso significa que, para compreendermos o discurso, precisamos analisar, também, a relação histórica, social e cultural que atravessa o que é dito: "O dizer do homem é afetado pelo sistema de significação em que o indivíduo se inscreve" (Benetti, 2007, p. 109). Para a AD, a linguagem não é transparente mas sim opaca:

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender (ORLANDI, 1999, p.30).

Ao ter como objeto de pesquisa elementos do campo jornalístico, a utilização da AD como metodologia é pertinente em dois casos: "mapeamento de vozes e identificação de sentidos" (Benetti, 2007, p. 111). Sendo os sentidos não

estritamente inscritos às palavras e textos mas, sim, na "relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não depende só das intenções dos sujeitos" (Orlandi, 1999, p. 30). Podemos encontrar esses aspectos externos buscando regularidades presentes no texto, ou seja, nas paráfrases discursivas. São elas que dão pistas sobre os sentidos que retornam no discurso.

No caso deste trabalho, o interesse está em descobrir os sentidos construídos sobre Eloá, pelo g1, durante a cobertura de seu sequestro e, também, nas matérias que relembram o caso 15 anos após seu acontecimento. A produção de sentidos acontece o tempo todo, já que o processo de transmissão da mensagem não é linear, e o processo de significação é realizado ao mesmo tempo pelos sujeitos que estão em interação. E para que os sentidos sejam compreendidos por esses sujeitos, é preciso que o interdiscurso seja acionado:

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o "anonimato", possa fazer sentido em "minhas" palavras (Orlandi, 1999, p.30).

Para fazer o mapeamento dos sentidos, o analista do discurso deve identificar as formações discursivas (FDs) presentes no texto analisado, que, segundo Orlandi (1999), relembrando o conceito de Pêcheux, se define como "aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito" (Orlandi, 1999, p.43). Para Benetti (2007), uma FD é uma reunião de significados que constroem e consolidam um sentido nuclear. Esses sentidos serão mapeados conforme exige o problema de pesquisa.

Para encontrarmos as FDs, é necessário identificar, então, os processos parafrásticos presentes no texto. "Em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória" (Orlandi, 1999, p.36). São retornos aos mesmos espaços de dizer. No caso deste trabalho, para identificar as FDs, ou as regiões de sentidos sobre Eloá, procuraremos, nos textos do g1, quais sentidos se repetem em relação a ela. O caminho para achar essas regularidades é identificar as sequências discursivas (SDs) que carregam sentidos sobre Eloá. Por definição, SDs são trechos que o analista do discurso recorta de um texto seguindo uma lógica arbitrária que

tenha relação com seu problema de pesquisa (Benetti, 2007). Um ou mais conjuntos de SDs formam as FDs.

Depois de identificadas as formações discursivas, o pesquisador deve enumerá-las e nomeá-las de acordo com o principal sentido que lhes formam: “O que fazemos é localizar as marcas discursivas do sentido rastreado, ressaltando as que o representam de modo mais significativo” (Benetti, 2007, p. 113). Após identificada a FD, cabe ao analista interpretar a formação ideológica que a determina, elemento que é externo ao texto: “Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (Orlandi, 1999, p.48).

No próximo sub-capítulo, falaremos sobre o objeto de análise.

4.2 O objeto e o corpus de pesquisa

Por se tratar de um caso antigo, sabíamos que um dos desafios que poderíamos enfrentar para a realização deste trabalho seria o acesso aos materiais que tratavam do sequestro, já que 15 anos separam o acontecimento dos dias de hoje. Por isso, ainda antes de definir o foco do tema, buscamos por repositórios de conteúdos jornalísticos digitais acerca do crime. Dentre os repositórios encontrados, a cobertura do g1 era a com melhor indexação das matérias, já que reúne todas as notícias sobre o caso em uma página que as organiza cronologicamente. Para além da facilidade no acesso aos materiais, o portal g1 assumiu a liderança na audiência dos portais de notícias do Brasil em 2008⁵⁰, ano em que o caso aconteceu, o que o destaca frente a seus concorrentes. Por ser o portal digital da Rede Globo, maior rede de televisão do Brasil, também se mostra notório.

Com o objetivo de entender quais foram os sentidos construídos pelo g1 sobre Eloá Pimentel, depois de repetidas leituras, selecionamos 10 das 171 notícias publicadas sobre o caso durante o período de cobertura do sequestro no portal. Como critério de seleção, escolhemos as últimas notícias publicadas em cada dia em que ocorreu o sequestro, porque elas tendiam a contar os fatos mais recentes do caso junto a um apanhado geral dos acontecimentos mais importantes do dia. Ou seja, elas eram as mais completas. Depois da invasão do apartamento pela polícia,

⁵⁰ Disponível em: <https://g1.globo.g1m/institucional/sobre-o-g1.ghtml> Acesso em: 11/12/2023

as notícias foram selecionadas a partir de sua importância para o desfecho do caso e de sua relação com Eloá.

Sendo assim, as três primeiras notícias selecionadas (Textos 1⁵¹, 2⁵² e 3⁵³) são as últimas publicadas nos três primeiros dias de sequestro, portanto, as mais completas daquele período. No quarto dia, quando ocorreu a invasão do apartamento pela polícia, Eloá e Nayara foram baleadas e Lindemberg foi preso. Por conta da relevância que esse dia teve para o caso, selecionamos duas matérias – a primeira publicada depois da invasão do apartamento (Texto 4⁵⁴) e a última matéria do dia (Texto 5⁵⁵). No dia após a invasão, selecionamos a matéria que noticiava o quadro de coma irreversível de Eloá (Texto 6⁵⁶). No dia seguinte, 19 de outubro, foi anunciada a morte cerebral de Eloá, por isso selecionamos a matéria que falava sobre esse fato (Texto 7⁵⁷). No dia 20, selecionamos uma notícia que tratava dos benefícios da doação dos órgãos de Eloá (Texto 8⁵⁸) e outra sobre seu velório (Texto 9⁵⁹). Depois, consideramos produtivo dar um “salto” no tempo e selecionar uma matéria do dia 27, em que Nayara relembra o caso, afirmando que Eloá sabia que não iria sair viva do sequestro (Texto 10⁶⁰). Dessa forma, consideramos que foram escolhidos os textos mais abrangentes e significativos para a compreensão do caso e para identificação dos sentidos construídos sobre a vítima.

Além dos 10 textos publicados durante a cobertura do sequestro em outubro de 2008, selecionamos, também, três notícias mais recentes acerca do caso, pois, para alcançarmos o objetivo geral desta pesquisa, é necessário verificar se havia mudanças significativas na cobertura do caso na época em que ocorreu e na

⁵¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0.g1UL799096-5605.00.html> Acesso em: 11/01/2024

⁵² Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0.g1UL800480-5605.00.html> Acesso em: 11/01/2024

⁵³ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0.g1UL802122-5605.00.html> Acesso em: 11/01/2024

⁵⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0.g1UL803483-5605.00.html> Acesso em: 11/01/2024

⁵⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0.g1UL803713-5605.00.html> Acesso em: 11/01/2024

⁵⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0.g1UL804126-5605.00.html> Acesso em: 11/01/2024

⁵⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0.g1UL804318-5605.00.html> Acesso em: 11/01/2024

⁵⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0..MUL805352-5605.00.html> Acesso em: 11/01/2024

⁵⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0..MUL805603-5605.00.html> Acesso em: 11/01/2024

⁶⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0..MUL838121-5605.00.html> Acesso em: 11/01/2024

atualidade, quando novas leis foram criadas, como foi o caso da Lei do Femicídio. No ano de 2023, junto da efeméride de 15 anos do sequestro de Eloá, retornou à grade de programas da Rede Globo o programa "Linha Direta". Apresentado por Pedro Bial, o episódio de estreia tratava justamente do sequestro de Eloá Cristina Pimentel, o que fez com que o acontecimento fosse lembrado pelos veículos de comunicação – mais significativamente, pelo g1, já que as matérias também serviam para divulgar o programa de Bial. Portanto, selecionamos três matérias publicadas no dia 5 de maio de 2023. A primeira (Texto 11⁶¹) é centrada na volta do programa "Linha Direta" e lembra o Caso Eloá. A segunda notícia selecionada (Texto 12⁶²) é mais centrada em detalhes do sequestro e nas consequências penais enfrentadas por Lindemberg. E a terceira notícia (Texto 13⁶³) tem o objetivo de situar a rotina de Lindemberg na prisão. Sendo assim, com a adição dessas três notícias mais recentes, chegamos aos 13 textos que compõem o corpus desta pesquisa.

Depois de selecionadas as notícias, iniciamos a análise identificando as sequências discursivas (SDs) que se relacionavam com nossos objetivos e que indicariam as Formações Discursivas que nos levariam à resposta do problema de pesquisa deste estudo.

4.3 Análise das notícias do Caso Eloá publicadas pelo g1

Neste tópico, faremos a análise das notícias que formam o corpus deste estudo para responder ao nosso problema de pesquisa: **identificar os sentidos construídos sobre Eloá pelo no discurso portal g1 durante a cobertura de seu sequestro e 15 anos depois.**

Para dar início à análise, apresentamos alguns dados quantitativos relacionados principalmente às Formações Discursivas identificadas. No quadro a seguir, encontram-se a numeração que demos aos textos para os fins desta pesquisa, seus respectivos títulos e datas de publicação.

⁶¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2023/05/05/linha-direta-volta-e-relembra-caso-elo-15-anos-apos-morte-da-adolescente.ghtml> Acesso em: 11/01/2024

⁶² Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2023/05/05/morte-aos-15-anos-100-horas-de-s-equestro-pena-de-98-anos-relembre-o-caso-elo.ghtml> Acesso em: 11/01/2024

⁶³ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2023/05/05/caso-elo-15-anos-apos-o-crime-lindemberg-tem-rotina-de-leitura-e-trabalho-em-prisao-com-presos-famosos-em-tremembe-sp.ghtml> Acesso em: 11/01/2024

Quadro 1: Notícias que formam o corpus da pesquisa

Nome do texto	Título da notícia	Data de publicação
Texto 1	Homem liberta uma das adolescentes mantidas reféns em Santo André	14 de outubro de 2008
Texto 2	Seqüestrador diz que não vai avisar quando liberar refém	15 de outubro de 2008
Texto 3	Conselho Tutelar vai apurar ação da PM em seqüestro no ABC	16 de outubro de 2008
Texto 4	Coronel diz que PM só invadiu apartamento após ouvir disparo	17 de outubro de 2008
Texto 5	Bala não foi retirada da cabeça de refém durante cirurgia, diz médica	17 de outubro de 2008
Texto 6	Jovem baleada está em 'coma irreversível', diz médica	18 de outubro de 2008
Texto 7	Jovem baleada após seqüestro no ABC tem morte cerebral, diz equipe médica	19 de outubro de 2008
Texto 8	Órgãos de Eloá devem beneficiar pelo menos 5 pessoas	20 de outubro de 2008
Texto 9	Sob aplausos, corpo de Eloá chega ao cemitério	20 de outubro de 2008
Texto 10	'Ela sabia que não ia sair viva dali', diz Nayara sobre Eloá	27 de outubro de 2008
Texto 11	'Linha Direta' volta e relembra caso Eloá, 15 anos após morte da adolescente	5 de maio de 2023
Texto 12	Morte aos 15 anos, 100 horas de seqüestro, pena	5 de maio de 2023

	de 98 anos: relembre detalhes do caso Eloá	
Texto 13	Caso Eloá: 15 anos após o crime, Lindemberg tem rotina de leitura e trabalho em prisão com presos famosos em Tremembé, SP	5 de maio de 2023

Fonte: elaborado pela autora

A análise será feita a partir da totalidade dos 13 textos mas, ao mesmo tempo, iremos discutir se houve ou não mudanças nos sentidos construídos sobre Eloá na época do caso e nos dias mais recentes.

Depois de repetidas leituras das notícias, foram encontradas 82 SDs nos dez textos publicados em 2008 e 19 SDs nos três textos publicados em 2023. As SDs identificadas sempre se referiam a sentidos sobre Eloá. Portanto, sempre que algum trecho se referia à Eloá, ele foi considerado como uma Sequência Discursiva para esta pesquisa. A identificação dessas SDs se deu a partir da percepção de paráfrases discursivas, isto é, da repetição de sentidos sobre Eloá nas notícias.

A partir dessas 101 SDs totais, foi possível agrupar alguns sentidos em um sentido mais amplo, como um “guarda-chuva” que abrigava sentidos menores, mas próximos. Assim, essas regiões de sentido mais amplas foram consideradas Formações Discursivas. A partir desse movimento de análise, foi possível, então, identificar três FDs, sendo elas as seguintes: FD1 - *Mulher vítima de homicídio*, FD2 - *Mulher semelhante* e FD3 - *Mulher responsabilizada pelo crime*.

O quadro abaixo explicita a incidência de SDs em cada uma das FDs nos textos de 2008, bem como os sentidos que compõem cada uma delas.

Quadro 2: FDs identificadas nas notícias de 2008

FD	Sentidos	Incidência de SDs
FD 1 Mulher vítima de homicídio	vítima, nomeada	68
FD 2 Mulher semelhante	aluna, jovem, de família, amiga	58

FD 3 Mulher responsabilizada pelo crime	mulher a partir do relacionamento, ingrata	22
Incidência total de SDs	-	148

Fonte: elaborado pela autora

No quadro a seguir, demonstramos a incidência de SDs em cada uma das Formações Discursivas nas notícias selecionadas de publicação em 2008.

Quadro 3: Incidência de SDs em cada uma das FDs nas notícias de 2008

	SDs na FD 1	SDs na FD 2	SDs na FD 3
Texto 1	6	4	5
Texto 2	4	6	6
Texto 3	2	2	1
Texto 4	3	3	1
Texto 5	10	4	3
Texto 6	12	5	3
Texto 7	12	14	3
Texto 8	7	12	0
Texto 9	3	4	0
Texto 10	9	4	0

Fonte: elaborado pela autora

Para as notícias que relembram o caso, publicadas em 2023, encontramos as mesmas FDs que apareceram em 2008, mas com algumas pequenas diferenças de sentidos, como mostra o quadro 4:

Quadro 4: FDs identificadas nas notícias de 2023

FD	Sentidos	Incidência
FD 1 Mulher vítima de homicídio	vítima, nomeada	25

FD 2 Mulher semelhante	aluna, jovem	14
FD 3 Mulher responsabilizada pelo crime	insubordinada	2
Incidência total de SDs	-	41

Fonte: elaborado pela autora

Conforme explicitado no quadro anterior, a FD 3 - *Mulher responsabilizada pelo crime* encontra sentidos diferentes em 2008 e 2023. Em 2023, encontramos o sentido *insubordinada*, que pode ser interpretado como uma atualização do sentido *ingrata*, conforme aprofundaremos melhor mais adiante.

No quadro a seguir, apresentamos a incidência de SDs em cada uma das Formações Discursivas nas notícias de 2023 selecionadas.

Quadro 5: Incidência de SDs em cada uma das FDs nas notícias de 2023

	FD 1	FD 2	FD 3
Texto 11	9	8	1
Texto 12	9	5	1
Texto 13	7	1	0

Fonte: elaborado pela autora

Pode-se notar que, tanto nas notícias publicadas em 2008, quanto nas notícias publicadas em 2023, a soma dos números de incidência de SDs em cada FD ultrapassa o número total de SDs identificadas. Isso acontece porque cada SD pode carregar mais de um sentido em si própria, dessa forma podendo estar incluída em mais de uma FD.

Ao juntarmos as SDs encontradas nos 13 textos analisados, chegamos, então, ao quadro abaixo, considerando as FDs encontradas em cada SD:

Quadro 6: Número total de FDs identificadas nas notícias selecionadas

FD	Incidência de SDs	Percentual sob o total de incidência em SDS
FD 1	93	49,2%

Mulher vítima de homicídio		
FD 2 Mulher semelhante	72	38,1%
FD 3 Mulher responsabilizada pelo crime	24	12,7%
Incidência total de FDs	189	100%

Fonte: elaborado pela autora

A seguir, apresentamos a análise de cada uma das FDs, começando pela FD1 - *Mulher vítima de homicídio*. Utilizaremos SDs para exemplificar nossos achados em cada uma dessas FDs⁶⁴.

4.3.1 FD1 - Mulher vítima de homicídio

Conforme demonstrado na Tabela 2, a FD *Mulher vítima de homicídio* foi a que teve maior incidência durante a cobertura do sequestro e também em 2023, tendo aparecido em 42 SDs. No entanto, Eloá foi vítima de feminicídio, um crime específico, hediondo e de ódio baseado no gênero, e não de homicídio. A escolha de nomear a FD dessa forma se deu porque, em 2008, o termo feminicídio ainda não era tão corrente no Brasil como é hoje, e a lei que visa proteger as mulheres e punir os agressores ainda não havia sido criada – isso aconteceu apenas em 2015.

Além desse anacronismo, também utilizamos como critério para a escolha do termo homicídio o fato do portal g1 não ter explicitado com ênfase que o caso se tratava de um feminicídio mesmo nas publicações de 2023, em que deveriam fazê-lo. O termo foi citado apenas uma vez nas matérias que lembravam o caso, e sequer foi em uma sentença em que Eloá era o foco, mas, sim, para caracterizar o episódio do novo programa de Pedro Bial:

O episódio também traz o depoimento de Victor Lopes de Campos, um dos colegas que estavam dentro da casa no momento da invasão de Lindemberg. Além do **feminicídio**, o episódio abordou a atuação da imprensa na cobertura ao vivo do crime. (TEXTO 11)

Para o mapeamento dessa FD nos 13 textos, foram consideradas as Sequências Discursivas que construíram sentidos diretamente sobre Eloá a partir da

⁶⁴ O quadro contendo todas as SDs identificadas jg1to das respectivas FDs estão no apêndice A.

posição de 1) *vítima* – quando era vista a partir da condição de sequestro; e 2) *nomeada* – quando seu nome era citado.

Como tratamos no capítulo 3, a violência de gênero é um dos meios de dominância estabelecidos pelo patriarcado. O Caso Eloá, por si só, serve como exemplo de diversas crenças e valores desse sistema social – já que foi o rapto de uma menina de 15 anos, que ficou mais de 100 horas em cárcere privado, cometido por um homem que, por ter tido um relacionamento amoroso com ela e já não ser mais correspondido, se achava merecedor de lhe tirar o direito de ir e vir. Em última instância, esse homem acabou lhe tirando o direito à vida.

Foi possível observar que a incidência dessa FD foi ainda mais acentuada nos Textos 5, 6 e 7, que tratam, respectivamente, da notícia que atualizava o estado de saúde de Eloá após a invasão do apartamento, do anúncio de que ela estava em coma irreversível e, por último, da notícia que informava que havia tido morte cerebral, como nos exemplos abaixo:

Bala não foi retirada da cabeça de **refém** durante cirurgia, diz médica (SD23, TEXTO 5).

A adolescente Nayara deixou o apartamento andando, enquanto **Eloá, carregada, foi levada inconsciente para o hospital**. O seqüestrador, sem ferimentos segundo a polícia, foi levado para a delegacia e depois para a cadeia pública da cidade (SD38, TEXTO 6).

A jovem Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos, que foi **mantida refém** durante mais de 100 horas pelo ex-namorado em Santo André, no ABC, teve morte cerebral confirmada às 23h30 deste sábado (18), segundo informou o secretário de Saúde do município, Homero Nepomuceno Duarte (SD45, TEXTO 7).

Também foi possível observar uma incidência elevada dessa FD no Texto 10, última notícia selecionada de 2008, que tratava de declarações de Nayara sobre a amiga vitimada por Lindemberg – e de como Eloá sabia que o sequestro não terminaria bem.

A adolescente Nayara Silva afirmou na manhã desta segunda-feira (27) que Eloá Cristina Pimentel **falava que iria morrer desde o início do seqüestro, que durou mais de 100 horas em Santo André, no ABC. “Ela sabia que não ia sair viva dali”**, disse a adolescente, em entrevista por telefone a Ana Maria Braga no programa “Mais Você” (SD76, TEXTO 10).

Mas ao mesmo tempo em que a FD1 *Mulher vítima de homicídio* foi a mais recorrente dentre todas as FDs, e que o portal de notícias tenha utilizado palavras como “refém” para se referir à Eloá que estava, de fato, vivenciando uma

experiência da qual era vítima, Lindemberg não era visto sempre como criminoso, embora esse não seja o foco desta pesquisa, que se interessa pelos sentidos construídos sobre Eloá. Em três reportagens, o g1 afirmou que Lindemberg era considerado uma pessoa calma pelos amigos, no período que antecedeu o crime, como contraponto ao desfecho do caso. Trazemos aqui alguns exemplos, embora eles não sejam considerados SDs, porque achamos que esses sentidos sobre Lindemberg de certa forma se chocam com o sentido de que Eloá foi mesmo uma vítima de um crime hediondo pelo fato de ser mulher.

As duas adolescentes ficaram feridas no desfecho do seqüestro que durou mais de 100 horas. Na segunda-feira (13), por volta das 13h30, motivado por ciúmes o jovem Lindemberg Alves, de 22 anos, **antes considerado calmo pelos amigos**, invadiu o apartamento da ex-namorada e chegou a manter quatro reféns (TEXTOS 5, 6 e 7).

Como explicamos, a repetição de sentidos em um discurso é chamada de paráfrase discursiva. São regularidades de sentidos em um ou mais textos. Nos trechos apresentados acima, a redação é exatamente a mesma, ou seja, é mais do que uma paráfrase discursiva, é também uma paráfrase textual. Isso indica como o g1 – assim como outros portais – recuperam textos já publicados para copiarem exatamente as mesmas frases em notícias diferentes. Isso deixa claro também o interdiscurso que existe entre as notícias, em que trechos são repetidos e outros são incluídos, fazendo um movimento constante de construção de “novos” discursos a partir de sentidos que vão aos poucos se sedimentando.

No entanto, o fragmento que se repete dizendo que o rapaz era considerado calmo não é uma informação relevante para nenhuma das notícias – o que, inclusive, fere a determinação do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. A situação se torna ainda mais grave quando consideramos que as notícias tratavam de atualizações do estado de saúde de Eloá, que havia sido baleada por esse homem até então “considerado calmo pelos amigos”. Ou seja, o g1 reconhece que Eloá é uma vítima, tanto que esse é o sentido que o portal mais constrói sobre ela, mas, ao mesmo tempo, retrata a conduta criminosa de Lindemberg como algo incomum para ele. Portanto, mesmo que ele tenha conduzido um sequestro de 100 horas e baleado duas meninas, o portal escolheu retratar as ações do criminoso como um desvio de seu comportamento habitual, o que pode causar uma estranheza ao leitor, que pode interpretar que algo externo a ele foi o causador de seu ato criminoso.

Conforme exposto previamente neste trabalho, para Traquina (2005), as notícias nascem de processos de interação complexos entre agentes sociais: "os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização" (Traquina, 2005, p. 175). Ainda, resgatando conceitos apresentados no capítulo 3, as teorias construcionistas defendem que o modo com que os valores e normas hegemônicas da sociedade atravessam as notícias influenciam no resultado das produções noticiosas. Como vivemos em uma sociedade patriarcal, a responsabilidade do homem, mesmo quando erra e faz vítimas, ainda acaba sendo atenuada. É mais "interessante" construir a narrativa de que o homem que está sequestrando uma mulher é um "bom moço" porque, dessa maneira, as mulheres podem ser responsabilizadas pelos crimes dos quais são vítimas e os homens não têm seu "poder" abalado, como veremos na análise da da FD3 *Mulher responsabilizada pelo crime*.

Além de SDs que construía o sentido de vítima para Eloá, também incluímos na FD1 *Mulher vítima de homicídio* as SDs que a nomeiam, pois, ao nomeá-la, o g1 consolida a imagem daquela menina, denominada Eloá, como a vítima desse caso específico. Não estamos aqui afirmando que ela deveria ser nomeada, mas sim chamamos a atenção para o sentido que isso produz. Durante os dias 14, 15, 16 de outubro, enquanto o sequestro acontecia, Eloá e Nayara não tiveram seus nomes divulgados pelo g1, portanto, para os leitores do portal, elas ainda não eram identificadas. A partir do momento em que a polícia invadiu o apartamento e as meninas foram baleadas, no dia 17, seus nomes passaram a ser veiculados nas notícias. Não sabemos exatamente por que o g1 optou por não divulgar os nomes das meninas enquanto o sequestro ocorria – provavelmente por algum cuidado ético ou por receio de processo – e nem o quê o levou a abrir a informação após a invasão do apartamento.

A divulgação desses dados foi feita imediatamente após o sequestro ser finalizado: a primeira notícia publicada após o anúncio da invasão, que tratava do erro do Governo do Estado de São Paulo, que anunciou a morte de Eloá enquanto ela ainda estava viva, já citava seu nome:

Às 20h33, a redação do g1 recebeu a seguinte nota do governo paulista: "A assessoria de imprensa do governo do Estado esclarece que chegou a receber a informação, da área da Segurança Pública, sobre o falecimento da jovem **Eloá**. No entanto, em seguida, nova informação deu conta de que, felizmente, ela foi reanimada na sala de cirurgia e, neste momento, encontra-se em coma induzido e processo cirúrgico. Pedimos desculpas à

família de Eloá e, junto a ela, oramos a Deus por sua recuperação. Assessoria de Imprensa do Governo do Estado de São Paulo" (g1, 2008⁶⁵.)

Como seu nome passou a ser utilizado no momento imediato após o sequestro, sua situação de saúde era muito delicada e seu destino, incerto. Através das SDs dos textos publicados em 2008, pudemos observar que na metade das vezes em que Eloá foi nomeada, foi em passagens que atualizavam seu estado de saúde, como nos exemplos abaixo:

Eloá segue em coma induzido após procedimento realizado no ABC (SD24, TEXTO 5).

Eloá levou tiro na cabeça e está em estado muito grave. Testes são feitos para avaliar atividade cerebral da jovem (SD33, TEXTO 6).

A confirmação da morte cerebral de **Eloá** foi feita a partir de uma série de exames, que foram repetidos com um intervalo de seis horas neste sábado (SD50, TEXTO 7).

Conforme já mencionado anteriormente, o sequestro de Eloá ganhou muita notoriedade enquanto acontecia por vários motivos – a espetacularização que o jornalismo construiu ao redor do caso, a própria natureza do sequestro e o argumento do "crime passional" foram alguns deles. Uma parte do relacionamento entre os dois e que também diferencia o caso, e que merecia maior destaque, acabou não sendo tão abordada: o fato de que Eloá tinha 15 anos de idade, e Lindemberg, 21. Uma das SDs que a nomeia, inclusive, trata da pouca idade que ela tinha quando iniciaram o relacionamento, mas não informa no mesmo trecho a idade dele:

Eloá começou o relacionamento com Lindemberg quando tinha 12 anos. Os dois namoraram, entre idas e vindas, por 2 anos e sete meses (SD86, TEXTO 11).

A divulgação dessa informação da diferença de idade entre eles – que será mais detalhada na análise da FD2 *Mulher semelhante* – é uma das diferenças entre os textos publicados em 2008 e 2023. Os textos selecionados para este trabalho publicados na época do sequestro não mencionaram nenhuma vez que o relacionamento dos dois havia iniciado quando Eloá tinha 12 anos de idade. Destacamos esse fato na análise da FD1 (e não somente na FD2) porque consideramos que o apagamento dessa informação é significativo, porque se fosse

⁶⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/g1oPaulo/0..MUL803481-5605.00.html> Acesso em 20/12/2023

exposto, ele reforçaria o sentido de Eloá como vítima. Entretanto, isso não acontece. Orlandi (1999) diz que junto às palavras sempre há o silêncio, aquilo que não pode ser dito. O que é silenciado indica as relações de poder em uma sociedade. No caso de uma sociedade patriarcal, o homem será sempre o detentor do poder.

Além disso, podemos questionar se uma menina de tão pouca idade deveria ter sua imagem exposta dessa forma. Mesmo considerando que até certo momento seu nome não tenha sido divulgado, sua imagem apareceu algumas vezes durante a cobertura. Para Araújo (2017), "a transmissão ao vivo do martírio de Eloá feriu os códigos de ética da Radiodifusão Brasileira e dos Jornalistas Brasileiros e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em diversos momentos" (Araújo, 2017, p. 167). Durante a cobertura, não foram poucas vezes que jornais utilizaram imagens da garota em um momento delicado na janela, pedindo calma, com Lindemberg atrás de si, por exemplo.

Apesar de não sabermos exatamente qual foi o motivo de Eloá só ter sido nomeada após a invasão do apartamento e, conseqüentemente, o fim do sequestro, talvez essa passagem dos Princípios Editoriais das Organizações Globo, publicado em 2011, nos deem algumas pistas:

Notícias sobre sequestros serão sempre publicadas. Estudos de experiências internacionais levaram as Organizações Globo à convicção de que a publicação de que uma pessoa foi sequestrada não põe a vítima em risco, mas a protege. **A notícia será publicada com todas as ressalvas, de modo a não revelar ao bandido o planejamento da polícia e da família, nem dar informações que mostrem a situação econômica da vítima.** Isso obriga o veículo a um acompanhamento do sequestro mais sóbrio, sem necessariamente a publicação diária de reportagens a respeito. O registro de solidariedade pública, quando relevante, ou de fatos que ajudem a família ou a polícia deve ser feito (GLOBO, 2011, p. 21);

A partir do exposto nesse trecho, podemos considerar que os nomes de Eloá e Nayara não tenham sido divulgados para proteger as vítimas de ainda mais situações de assédio que pudessem causar interferências no caso ou atrapalhar o trabalho da polícia. Entretanto, algumas outras indicações que aparecem no trecho não foram consideradas – lembrando que esses princípios são posteriores ao Caso Eloá: Lindemberg pôde acompanhar os passos da polícia, as publicações foram diárias e não foram nada sóbrias.

No próximo subcapítulo, trataremos da FD2 *Mulher semelhante* – o segundo de maior incidência no corpus desta pesquisa.

4.3.2 FD2 - Mulher semelhante

Foram encontradas 48 SDs que se enquadraram na FD2 *Mulher semelhante*. Como critérios para a formação dessa FD, identificamos sentidos que tratavam Eloá como uma pessoa trivial, "gente como a gente", de maneira mais informal e que tendiam a provocar uma identificação com os leitores – e, principalmente, com as leitoras. Os sentidos que compõem essa Formação Discursiva, então, são *jovem, aluna, de família e amiga*.

No jornalismo, é comum que se utilizem outras palavras para fazer referência aos sujeitos, além de seus nomes, para evitar repetições e resultar em um texto mais fluido. No caso do sequestro de 2008, o sentido mais utilizado para se referir a Eloá foi *jovem*. Foram encontradas 51 passagens que caracterizavam Eloá dessa forma.

A presença desse sentido (de *jovem*) foi mais marcante no início do caso, antes da invasão da polícia – o que se explica, principalmente, pelo fato de os nomes de Nayara e Eloá não estarem sendo divulgados – como no exemplo abaixo:

O jovem Lindemberg Alves, de 22 anos, que mantém desde a tarde de segunda-feira (13) a ex-namorada refém em Santo André, no ABC, contou em rápida entrevista nesta quarta-feira (15) que pretende liberar **a adolescente de 15 anos**, mas "não avisar" quando isso vai acontecer (SD 10, TEXTO 2).

Apesar dessa caracterização massiva de Eloá enquanto uma pessoa de pouca idade, conforme já foi abordado no subcapítulo anterior, os textos publicados em 2008 não fizeram nenhuma menção à diferença de idade entre vítima e sequestrador. Segundo Reginato (2019), para que o jornalismo informe de forma qualificada, que é sua finalidade primordial, a informação precisa ser contextualizada. Isso significa que o jornalista precisa inserir o acontecimento em "um quadro de significados familiares ao público, tornando o mundo que o jornalismo faz referência inteligível ao público" (Hall⁶⁶ apud Reginato, 2019, p. 226). Quando o g1 apenas se refere à Eloá como uma pessoa jovem, mas não explicita que era ainda mais nova quando iniciou o relacionamento com um homem bem mais velho, deixa de fazer uma reflexão importante acerca dessa relação que, nesse caso, já se mostrava abusiva desde o início.

⁶⁶ HALL, Stuart; CHRISTOFHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Bryan. "A produção social das notícias: O mugging nos media". In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-250.

Muito relacionado com a caracterização de *jovem* está, também, o sentido de *aluna*. Quando Lindemberg invadiu o apartamento, Eloá estava na companhia de Nayara e dois colegas de escola para a realização de um trabalho. Foram encontradas oito SDs com esse sentido e, dentre essas, sete faziam menção a essa tarefa escolar, como exemplifica a SD12:

Desde o início do caso, Alves, que foi namorado da adolescente por quase três anos, liberou outros três jovens que estavam no imóvel, também reféns. **Eles estavam fazendo um trabalho de escola, quando o rapaz invadiu o local** (SD12, TEXTO 2).

A consonância é um critério de construção das notícias, que insere novidades em um acontecimento a partir de uma narrativa já conhecida (Traquina, 2002, p. 92-93). Podemos enxergar esse retorno narrativo ao início do caso, como uma das maneiras que o g1 escolheu para utilizar essa estratégia, reforçando sentidos.

Além das SDs que traziam o sentido de *aluna* e se centravam no momento do início de cárcere privado, encontramos apenas uma SD em que a palavra estudante servia como referência à pessoa de Eloá:

Segundo Rosa, os familiares **da estudante** sempre tiveram fé em sua melhora. “Todo o tempo, a família tinha fé de que ela ia sair do coma. Todo mundo desabou (com a notícia)”, afirmou. Perguntada sobre como se sentia diante do diagnóstico, a médica respondeu emocionada: “é frustrante” (SD48, TEXTO 7).

Os sentidos de *amiga* e *de família* também se relacionam bastante entre si, e foram utilizados, principalmente, nas matérias sobre o falecimento de Eloá. A SD37 deixa clara essa relação de Eloá com sua família:

A jovem foi atingida por dois tiros, um na cabeça e outro na virilha. A diretora do hospital, Rosa Maria Pinto Aguiar, afirmou que **os pais de Eloá receberam autorização para permanecer dentro da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) junto com a filha** (SD37, TEXTO 6).

Além disso, pela sensibilidade do momento do falecimento de Eloá, também foi possível perceber que o portal optou por uma inserções de informações que exprimiam mais emoção, como foi o caso da SD48, já citada anteriormente:

Segundo Rosa, os familiares da estudante sempre tiveram fé em sua melhora. “**Todo o tempo, a família tinha fé de que ela ia sair do coma. Todo mundo desabou (com a notícia)**”, afirmou. Perguntada sobre como se sentia diante do diagnóstico, a médica respondeu emocionada: “é frustrante”(SD48, TEXTO 7).

Como o caso foi acompanhado pelo Brasil inteiro, o momento em que sua morte foi anunciada gerou muita comoção – tanto da sua família e dos amigos, quanto das pessoas que acompanharam o sequestro pelas notícias. Milhares de pessoas participaram do seu velório. Principalmente nas matérias finais da cobertura (Textos 9 e 10), foi possível notar a construção de Eloá como uma figura que merecia empatia do público, porque era uma jovem que era amiga, filha e aluna de outras pessoas, e acabou perdendo a vida de forma triste e injusta. A SD72 traz esse sentido de amizade e empatia, que pode provocar a identificação dos leitores, que podem conseguir se colocar no lugar de Eloá e de sua família.

Muitas pessoas saíram da fila que foi formada para ver a chegada do caixão. A multidão se acumulou em volta do carro e foi difícil transportar o corpo para dentro do velório. **Um grupo de adolescentes amigos da jovem rezava o Pai-Nosso e a Ave-Maria. Eles se mostravam bastante emocionados** (SD72, TEXTO 9).

Ainda sobre o sentido de Eloá como *amiga*, a matéria centrada em Nayara merece destaque por ser, logicamente, a com maior incidência desse sentido. As duas meninas eram melhores amigas, então Nayara estava muito abalada pela perda de Eloá, e a notícia deixa isso explícito.

A adolescente, que levou um tiro no rosto e saiu do hospital na última quarta-feira (22), diz não se arrepender de ter voltado ao apartamento, mas reconhece o risco. **“Se eu visse um caso desses na TV, eu falaria que a menina é louca. Por melhor amiga que fosse, falaria que não faria”, contou. “Mas hoje, eu faria tudo de novo, para poder tirar ela viva dali”**(SD78, TEXTO 10).

Apesar da valorização da emoção ser uma marca do sensacionalismo (Amaral, 2006, p. 21), do ponto de vista desta pesquisa, inserções que caracterizam Eloá a partir de sua relação com a família e amigos não se encaixam neste tipo de jornalismo. Isso porque trechos como os das SD48, SD72 e SD78 levam em consideração aspectos subjetivos de Eloá e das pessoas que constituíam seu núcleo de relações e afetos. Esses elementos, conforme já explicamos no subcapítulo 2.3, também são considerados na abordagem da ética do cuidado, uma corrente feminista da ética, que, quando aplicada ao jornalismo, leva em conta a subjetividade e o respeito no processo de produção noticioso.

No próximo subcapítulo, trataremos da FD *Mulher responsabilizada pelo crime*.

4.3.3 FD3 Mulher responsabilizada pelo crime

A FD3 *mulher responsabilizada* compreende os sentidos de *mulher a partir do relacionamento, ingrata e insubordinada*, e aparece em 24 SDs nos 13 textos que compõem o corpus desta pesquisa.

O sentido com maior incidência, aparecendo em 11 SDs, é *mulher a partir do relacionamento*, que detém, principalmente, as passagens que qualificam Eloá a partir da relação que ela tinha com o ex-namorado, Lindemberg, como nos exemplos abaixo:

Ex-namorada do seqüestrador continuava presa em apartamento (SD1, TEXTO 1).

Alves e a **ex-namorada** estão no apartamento dela desde as 13h30 de segunda, em um conjunto habitacional na periferia da cidade. (SD11, TEXTO 2).

O jovem chegou a falar em entrevistas que iria libertar também a ex-namorada, mas as negociações não avançaram (SD40, TEXTO 6).

Do ponto de vista desta pesquisa, o termo ex-namorada não traz, necessariamente, o sentido de posse de Eloá por Lindemberg – já que o termo, em si, já expressa o sentido de que o relacionamento entre os dois aconteceu, mas não se dava no presente. Além disso, o namoro desempenhou um papel importante enquanto fato que precedeu o crime, por mais que o vínculo entre os dois jamais possa servir como justificativa para as ações praticadas por Lindemberg. No entanto, nas notícias, não havia essa reflexão, ou interpretação de forma explícita, de que a condição de ex-namorada não justificava as ações do sequestrador. Como vimos, numa sociedade patriarcal, é comum – e era ainda mais na época do acontecimento – que não exista uma afirmação mais contundente contra qualquer violência de gênero em relação à mulher. A partir desse ponto de vista, seria possível dizer que existe, mesmo de forma menos marcada, uma relação com o sentido de posse.

Uma descoberta interessante foi a de que o sentido de *mulher a partir do relacionamento* não foi encontrado nos textos de 2023 como nos de 2008, mas deu lugar a outro: por duas vezes, Lindemberg foi referenciado como ex-namorado de Eloá, e não o contrário.

O programa "Linha Direta" voltou à TV nesta quinta-feira (4) após 16 anos com o caso da adolescente Eloá Pimentel, de 15 anos, que foi mantida aprisionada **pelo ex-namorado, Lindemberg Alves**, de 22 (SD84, TEXTO 11).

Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos, foi mantida em cárcere privado por 100 horas no apartamento em que morava num conjunto habitacional em Santo André, no ABC Paulista, em 2008. Ela foi mantida refém **pelo seu ex-namorado Lindemberg Alves**, de 22 anos, que não aceitava o fim do relacionamento (SD91, TEXTO 12).

Para fins de comparação entre os períodos de publicação das notícias, os sentidos *ingrata* e *insubordinada* são muito interessantes. O sentido *ingrata* apareceu em três SDs, uma vez no Texto 1 e duas vezes no Texto 2, notícias que foram publicadas logo no início da cobertura do sequestro. Em todos os casos em que o sentido de *ingrata* apareceu e, indiretamente, colocou o comportamento de Eloá como motivação para o crime, isso ocorreu através de citações de fontes:

Um adolescente de 15 anos que também foi feito refém disse na tarde desta terça que o homem chegou nervoso ao local. **“Ele disse que ela (ex-namorada) ferrou com a vida dele, porque ele terminou, mas ela não quis voltar. Disse que ficou um mês atrás dela e que se não ficasse com ele, não iria ficar com mais ninguém”**, contou o jovem, que foi liberado ainda na noite de segunda (SD3, TEXTO 1).

No caso da SD3, o g1 utilizou a fala de um dos adolescentes que haviam sido sequestrados e, posteriormente, liberado por Lindemberg para contextualizar o que teria lhe motivado a invadir o apartamento. Também é interessante notar a posição da SD3 e sua importância para a cobertura – ela se encontra no início de uma das primeiras matérias sobre o caso, ou seja, foi considerada uma das informações mais importantes para ser noticiada.

Nas outras duas vezes em que o sentido *ingrata* apareceu, foi a partir de citações do próprio sequestrador, que foi entrevistado pelo SPTV.

O jovem, que se mudou da Paraíba para a capital com a família ainda pequeno, contou que tentou conversar com a jovem, **mas “ela sempre virava as costas e me deixava falando”**, afirmou (SD13, TEXTO 2).

Alves, que foi descrito por vizinhos do conjunto habitacional onde também mora, no Jardim Santo André, como uma pessoa ciumenta, garantiu que “não queria voltar” com a ex-namorada. **“Eu tinha deixado bem claro para a família dela. Não queria voltar; só ter uma conversa e ela não aceitava”** (SD14, TEXTO 2).

Para Ramos e Paiva (2007), dar destaque a um criminoso na mídia favorece os bandidos porque reforça a sua liderança, por mais que a reportagem ainda esteja lhe acusando de crimes (Ramos e Paiva, 2007, p. 62). No caso dessas passagens em específico, é impossível que deixemos de fazer a relação entre as frases ditas por Lindemberg e as questões de gênero. Por óbvio, sendo ele um homem vivendo

numa sociedade patriarcal, ele iria culpar Eloá, uma menina de 15 anos, por ações que ele mesmo teve. Além disso, sendo o patriarcado um sistema social que detém de um aparato quase infinito de formas de violências com o objetivo de mantê-lo, a escolha do g1 (e também de outros veículos) de entrevistar Lindemberg também diz muito sobre a maneira que o portal jornalístico enxerga a vida das mulheres. Mesmo que não fosse a intenção, ao dar espaço para um criminoso trazer o seu ponto de vista, o g1 cria esse sentido de *ingrata* para Eloá, que era a vítima do caso. Ou seja, ele passa a ser o “bom moço” que não foi compreendido pela “mulher ingrata”.

Em 2023, nas matérias que relembram o caso, não foram encontrados sentidos que retratavam Eloá como *ingrata*. No entanto, encontramos um sentido que poderia ser encarado como uma atualização do sentido de *ingrata*: o de *insubordinada*. Ele foi encontrado em duas SDs iguais em matérias diferentes que, ao contrário das de 2008, traziam a decisão de Eloá (de não querer reatar com Lindemberg) como um fato neutro do passado.

Um mês antes do crime, Lindemberg tinha terminado o namoro com a adolescente, mas, arrependido, queria reatar. No entanto, **Eloá decidiu não voltar (SD88, TEXTO 11; SD94, TEXTO 12).**

Através dessas SDs, é possível notar uma mudança na forma como o g1 traz essa informação: se antes a cobertura utilizava citações diretas de fontes que caracterizavam Eloá como ingrata por não querer reatar o relacionamento com Lindemberg, em 2023, as ações de Eloá ainda são consideradas como motivadoras do crime, mas de forma mais “neutra”. Mas, para que essa comparação seja justa, é preciso que lembremos que as notícias de 2023 eram muito mais “frias” – com menos sensacionalismo – do que as de 2008, visto que, desta vez, se tratava de um caso do passado e que não tinha tanto apelo pela informação mais nova ou exclusiva.

No próximo sub-capítulo, faremos uma reflexão sobre as descobertas da análise.

4.3.4 Reflexões sobre a análise

O Caso Eloá, que já era triste por sua natureza, ainda teve seus danos potencializados por falhas da polícia e dos veículos de comunicação. Como vimos no capítulo 2, o jornalismo interferiu muito no caso através de uma cobertura ostensiva que, além de causar um frenesi no público que acompanhava, também

acabou servindo para proteger Lindemberg. Isso se deu pela cobertura em si, que acabou por fornecer informações para o sequestrador, e também pela imagem errônea que alguns veículos criaram do criminoso. Essas ações são claramente fundamentadas em uma cultura machista.

Por final, essa imagem que foi construída do rapaz muito lhe ajudou – ele pediu a cobertura de toda a imprensa para o momento da sua rendição (que nunca aconteceu) porque ele sabia que ter todas as câmeras apontadas para si iria lhe proteger. Por outro lado, parte da imagem que o g1 criou sobre Eloá foi a de uma mulher responsável por seu próprio sequestro por não corresponder a um papel de mulher submissa ao homem que dizia querê-la para si, como seria o comportamento desviante em uma sociedade machista e patriarcal.

É interessante a descoberta de que os sentidos atribuídos à Eloá se mantiveram iguais durante a cobertura do sequestro e nas matérias que relembavam o caso 15 anos depois, inclusive na ordem quantitativa. As notícias de 2008 e 2023, claramente, tinham propósitos diferentes: a cobertura em tempo real servia para, em primeiro lugar, trazer as atualizações mais recentes do caso, que era um dos acontecimentos mais comentados do Brasil naquele período. Já as notícias de 2023 tinham como o propósito, mesmo que indireto, de divulgar a volta do programa Linha Direta, cujo tema do primeiro episódio era o sequestro. Mas o próprio fato desse acontecimento ter sido escolhido para a reestreia do programa indica a importância que ele teve.

No entanto, hoje os fatos que compõem o caso estão muito mais disponíveis à consulta do público do que na época em que o sequestro estava acontecendo. Por essa razão, seria esperado que as informações apresentadas nas notícias fossem, ao menos, precisas e verdadeiras.

Mas não foi o que aconteceu: em duas notícias de 2023 (SDs 90 e 100) é dito que Eloá foi colocada em cárcere privado pelo seu “namorado” quando, na verdade, eles já não estavam mais juntos no momento que o sequestro iniciou.

Eloá ficou cinco dias em cárcere privado, sob ameaças do **namorado** (SD90, TEXTO 11).

Eloá ficou cinco dias em cárcere privado, sob ameaças do **namorado**. Os outros reféns foram liberados, mas Nayara voltou ao local por orientação da polícia. No dia 17 de outubro de 2008, a polícia invadiu o local depois de escutar um ruído que seria de um tiro (SD100, TEXTO 13).

Para além do erro de caráter ético do jornalista – ou do veículo jornalístico –, que não deve propagar informações falsas, percebe-se uma falta de cuidado em relação a um tema delicado, que diz respeito a uma pessoa que, apesar de ter uma família que pode falar por ela, já não pode mais defender-se por si própria e que muito provavelmente não gostaria de ser retratada de tal forma, ainda mais após o desfecho do caso. Inclusive, a título de exemplificação do que estamos falando, em um dos trechos que o Jornal Nacional exibiu na cobertura do sequestro e que foi também replicado no documentário "Quem matou Eloá?" (Lívia Perez, 2015) podia se ouvir Lindemberg dizendo que estava agredindo "sua namorada" ao que Eloá respondia: "eu não sou sua namorada". Logo depois, ouviam-se gritos dela. Ou seja, nem em um momento em que sua própria vida estava em risco, Eloá deixou que Lindemberg se referisse a ela como sua namorada. É errado tanto do ponto de vista da precisão jornalística, quanto do ponto de vista ético que depois de morta, ela tenha sua imagem associada a ele dessa maneira.

Essa falta de cuidado também pode ser notada pelo fato do g1 não ter feito qualquer tipo de ressalva com destaque à natureza de feminicídio do caso. Conforme já explicitado anteriormente, é natural que ele não tenha sido caracterizado dessa forma em 2008, tendo em vista que a Lei do Feminicídio não tinha sido aprovada no Brasil e o próprio conceito ainda não era suficientemente tratado no país. Mas é inaceitável que em 2023 o portal tenha feito apenas uma menção, de forma rasa, sem aprofundamento, à palavra feminicídio, considerando as três matérias que relembram o caso. Ou seja, mesmo 15 anos após o acontecimento, a cobertura continuou a ser simplificada, porque, outra vez, ao menos nas notícias do g1, não houve qualquer reflexão de maior profundidade sobre violência contra as mulheres.

Em 2008, quando o sequestro aconteceu, o público e o jornalismo se "retroalimentaram": os veículos de comunicação forneciam atualizações constantes do caso, muitas vezes de forma sensacionalista, e o público, em troca, dava a sua audiência, estimulado pelo apelo emocional. E se a cobertura foi alvo de tantas críticas por colocar a audiência e, conseqüentemente, os retornos mercadológicos à frente do que teria sido melhor para o desfecho do sequestro (que seria, justamente, um afastamento entre os veículos e o que acontecia no condomínio no ABC paulista,) em 2023, podemos fazer uma relação semelhante. A prioridade ficou em

divulgar um novo programa sem fazer uma maior contextualização acerca do que realmente aconteceu, inclusive esclarecendo o que mulheres que passam por situações de violência de gênero podem fazer para denunciar seu agressor.

Por outro lado, se em 2008 o g1 utilizou citações do próprio sequestrador para culpabilizar Eloá por seu sequestro, em 2023 foi possível observar um maior cuidado nesse aspecto: o sentido que interpretamos como *ingrata* foi atualizado para *insubordinada*. Se, antes, a decisão de Eloá de não querer reatar o relacionamento com Lindemberg era exposto como motivação para o crime, as matérias mais recentes lhe apresentam como precedente.

Conforme o dado já exposto no capítulo 3, a violência é mais incidente em mulheres de raças e classes de menores privilégios. O sequestro de Eloá e Nayara ocorreu em um conjunto habitacional em uma região periférica de São Paulo, o que também corrobora com esse dado e explicita que as agressões não poupam nem as mulheres de menos idade. Se olharmos para essas estatísticas junto da maneira com a qual a cobertura foi feita, é impossível não considerarmos a possibilidade a seguir: a de que se sua posição social fosse de mais privilégio, a cobertura de seu sequestro não teria sido explorada de forma tão ostensiva, e nem sua imagem, em um momento frágil e delicado, disseminada e exposta para o país inteiro.

5. Considerações finais

Com esta pesquisa, através do Caso Eloá, buscamos realizar uma reflexão sobre feminicídio, jornalismo e a maneira que uma vítima foi representada pelo g1. Para que pudéssemos realizar este itinerário, foi necessário traçar um percurso teórico que nos embasasse acerca de conceitos fundamentais para compreendermos esses assuntos.

No capítulo 2, explicitamos a cronologia do caso e expusemos, também, a maneira com a qual o jornalismo optou realizar sua cobertura. Além disso, conceituamos algumas das principais abordagens teóricas da ética, relacionando com a maneira que isso reflete no jornalismo, e debatemos sobre o conceito de jornalismo sensacionalista.

No terceiro capítulo, falamos sobre questões que envolvem o gênero, como o patriarcado, o machismo e a violência. Também abordamos o contexto histórico e social da opressão contra as mulheres no Brasil, com dados quantitativos que comprovam esse cenário hostil, além de termos tratado, também, sobre as políticas públicas que têm como objetivo coibir esse tipo de violência. Ainda nesse capítulo, analisamos essas problemáticas a partir da ótica do jornalismo, explicando por que esse tipo de violência se encaixa nos valores-notícia e como isso foi representado na cobertura do Caso Eloá.

No capítulo 4, expusemos a metodologia utilizada, a Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Também apresentamos o g1 enquanto objeto da pesquisa e detalhamos os procedimentos metodológicos. Apresentamos como chegamos ao corpus da pesquisa, composto por 13 notícias, e as Formações Discursivas (FDs) que encontramos. Posterior a isso, analisamos cada uma das FDs, com exemplos de SDs, refletindo sobre as descobertas a partir de conceitos apresentados na parte teórica do trabalho. Para finalizar o capítulo 4, apresentamos reflexões sobre a análise, reunindo os resultados e aprofundando sobre o que mais se destacou na cobertura.

Os critérios para seleção das notícias que compõem o corpus, no caso das publicadas em 2008 (Textos de 1 a 10), foram 1) sua completude de informações em relação ao que estava acontecendo no caso (no caso das notícias publicadas nos dias em que o sequestro acontecia, as últimas de cada dia), 2) sua relevância para o desenrolar do sequestro e 3) sua relação com a vítima, Eloá. Para as mais recentes,

selecionamos três matérias que relembavam o caso, publicadas em maio de 2023, com o gancho da estreia do programa Linha Direta, com Pedro Bial.

A partir dos resultados da análise, descobrimos quais FDs exprimiam sentidos sobre Eloá pelo g1, sendo eles: *Mulher vítima de homicídio* (FD1), *Mulher semelhante* (FD2) e *Mulher responsabilizada pelo crime* (FD3). Em FD1, identificamos os seguintes sentidos: *vítima e nomeada*. Em FD2, os sentidos *jovem, aluna, de família, amiga*. Em FD3, identificamos os seguintes sentidos: *mulher a partir do relacionamento, ingrata e insubordinada*.

A FD1, *Mulher vítima de homicídio*, foi a mais abundante entre os sentidos construídos sobre Eloá. Pudemos verificar uma incidência ainda maior dessa FD em textos publicados após a invasão do apartamento pela polícia e que atualizavam o estado de saúde da menina. Apesar da caracterização de Eloá enquanto *vítima* ter sido significativa, seu agressor nem sempre foi representado como tal, já que o g1, em três matérias, escolheu trazer a informação de que Lindemberg era considerado calmo pelos amigos antes do crime como contraponto a suas ações.

Apesar desse não ser o foco da pesquisa, indiretamente, passagens como essas também implicam na construção de sentidos sobre Eloá – se Lindemberg era calmo e mesmo assim "perdeu a cabeça", ela devia ter alguma relação com isso. Ou seja, mesmo que nesta FD o sentido preponderante seja o de Eloá como *vítima* – fato difícil de negar por todo contexto e pelo final trágico do caso –, a caracterização do agressor (que não era foco deste trabalho) provoca um pequeno deslizamento de sentido em relação à caracterização de Eloá pelo g1. O portal afirma o sentido de ela ser *vítima*, mas relativiza o sentido de responsabilidade de Lindemberg como assassino.

A FD2, *Mulher semelhante*, reúne os sentidos que caracterizam Eloá como uma pessoa trivial. Sua presença é interessante principalmente pelo espaço que ocupou após a morte dela. Depois que o coma se tornou irreversível, pudemos observar que o portal buscou construir passagens que gerassem mais identificação com o público, através de depoimentos de pessoas próximas da vítima, como Nayara e seus familiares. Apesar da valorização da emoção ser uma característica do sensacionalismo, do ponto de vista da presente pesquisa, não interpretamos essas inserções como algo negativo, uma vez que ela humaniza a vítima.

No caso, a FD2 reforça o sentido de *vítima* encontrado na FD1. É como se o g1 – e poderia se dizer o jornalismo – se desse conta de como havia se portado até

então. O sensacionalismo presente na cobertura em diferentes momentos dá lugar à sensibilização e à humanização de Eloá. Ela deixa de ser uma mulher qualquer, distante, envolta em um acontecimento “sensacional” para ser “qualquer uma de nós”, a aluna, a amiga. Mais do que isso, ela passa a ser a mulher “nossa amiga”, a mulher “da nossa” família, próxima e assassinada. Nesse momento – e somente nele –, a ética do cuidado parece ser mais acionada pelos jornalistas.

Por último, a FD3, *Mulher responsabilizada pelo crime*, é a mais emblemática de todas. Para o agrupamento desta FD, selecionamos as SDs que representaram Eloá a partir da relação dela com Lindemberg, mas, também passagens que exprimiam o sentido de *ingrata* e *insubordinada*. Em 2008, o g1 apresentou esse sentido por três vezes – em todas, a partir de citações. Duas delas, inclusive, a partir de falas do próprio sequestrador. Esse tipo de conduta é inaceitável, porque culpabiliza a vítima pela situação da qual ela mesma é a prejudicada, a vítima. Além disso, também encontramos o sentido de *insubordinada*, dessa vez nos textos de 2023.

Conforme já mencionamos, interpretamos esse sentido como uma atualização do sentido de *ingrata*, uma vez que traz a informação de que Eloá não quis reatar o relacionamento com Lindemberg não como um ato negativo. A FD 3, portanto, mesmo que menos presente do que as demais, visibiliza e marca os pequenos deslizes de sentidos que percebemos existir nas FDs 1 e 2. Ela evidencia o sentido “daquela mulher” *ingrata* a um homem apresentado como pacato em 2008 e o sentido de *insubordinada* que desejamos (ou que o jornalismo deseja) que “a mulher nossa amiga, da nossa família” tenha em 2023.

Apesar desses resultados terem sido obtidos em apenas um recorte da cobertura completa, podemos afirmar que o tratamento do caso enquanto feminicídio ainda foi superficial em 2023, uma vez que o g1 apenas informou sobre o crime em si, mas não realizou uma reflexão maior acerca das questões estruturais que o motivaram: o machismo, que fez Lindemberg pensar ser dono de Eloá; a cultura da pedofilia, que fez parecer ser aceitável uma menina de 12 anos iniciar e manter um relacionamento com um homem de 19; e o patriarcado, que segue propiciando situações como essa. Ou seja, é ainda essa Formação Ideológica do machismo e do patriarcado ainda presente na sociedade brasileira que marca as FDs identificadas nesta pesquisa.

Pessoalmente, posso afirmar que produzir este trabalho foi doloroso. A problemática é um terreno fértil para estudos, e reflexões sobre esses temas devem ser feitas para que possamos suscitar mudanças com relação a este assunto na sociedade. Mas os dados sobre violência de gênero no Brasil são aterradores, e estar em um contato tão íntimo com a história de Eloá acabou me deixando abalada. Sinto que ela foi morta muitas vezes: por Lindemberg, que efetivamente puxou o gatilho; pela polícia, que negligenciou o caso; e pelos veículos jornalísticos, que fizeram de seu sofrimento mercadoria. É para que casos como esse sejam tratados com seriedade, e sem puxar novamente o gatilho, que eu espero que meu trabalho gere contribuições.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 14, out. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 dez. 2023.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Claudia e BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.

BRASIL. Violência contra mulher não é só física; conheça outros 10 tipos de abuso. **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania**. Brasília: 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias-spm/noticias/violencia-contra-mulher-nao-e-so-fisica-conheca-outros-10-tipos-de-abuso>. Acesso em: 6 nov. 2023.

BRASIL. **A violência doméstica fatal: o problema do feminicídio íntimo no Brasil**. Brasília: 2015. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3074071> Acesso em: 3 nov. 2023.

BUCCI, Eugênio (org.). **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMPONEZ, Carlos. Entre verdade e respeito: por uma ética do cuidado no jornalismo. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 25, p. 110-123, jun. 2014.

Disponível em

<http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-35752014000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 jan. 2024.

[https://doi.org/10.17231/comsoc.25\(2014\).1863](https://doi.org/10.17231/comsoc.25(2014).1863).

CERQUEIRA, Daniel; FERREIRA, Helder; BUENO, Samira. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em 6 de novembro de 2023.

CERQUEIRA, Daniel; MATOS, Mariana; MARTINS; Ana Paula Antunes; JUNIOR, Jony Pinto. **AVALIANDO A EFETIVIDADE DA LEI MARIA DA PENHA**. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3538/1/td_2048.pdf>.

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo, SP: Discurso, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo, Ática, 2005.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**, São Paulo. Contexto. 2008

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Disponível em: < <http://www.fenaj.org.br> >. Acesso em: 10 dez. 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. In: Educação e pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, 2002.

FREIZER, Vanderson; REICINAER, J. R; SHER, Steve. **Uma sequência de erros**. Disponível em:

<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/uma-sequencia-de-erros/>

Acesso em: 12/01/2023

GILLIGAN, Carol. (1982). **In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

Lambeth, Edmund. **Committed Journalism: An Ethic for the Profession**. Indiana. Indiana University Press. 1992.

HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias: o mugging nos media**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Editora Apicuri. 2016

LIMA, Paulo. Observatório de Imprensa. **As faces da mesma moeda**. Disponível em:
<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=296DAC001>> Acesso em: 28 de dezembro de 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. **Comunicação e Sociedade**, v. 33, p. 199-214, 2000.

QUEM matou Eloá?. Direção de Livia Perez. São Paulo: Doctela, 2015.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

SAMPAIO, Tede. JORNALISMO E ÉTICA NA COBERTURA DE SEQUESTROS: DESLIZES ÉTICOS COMETIDOS PELA MÍDIA NA COBERTURA DO CASO ELOÁ. **Anais eletrônicos...** Bahia, 2010. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0717-1.pdf> . Acesso em: 13 fev. 2023.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência**: Novas tendências na cobertura decriminalidade e segurança no Brasil, Rio de Janeiro. IUPERJ. 2007

RADFORD, J. Introducción. In: RADFORD, J.; RUSSELL, D. E. H. (ed.). **Feminicidio: la política del asesinato de las mujeres**. Ciudad de Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006. p. 33-50.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.

RUSSELL, Diana. Defining femicide. **Discurso apresentado na abertura do Simpósio sobre Femicídio**, das Nações Unidas em, v. 26, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth IB. **Gênero, violência e patriarcado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SEGATO, R. L. **Patriarchy from Margin to Center: Discipline, Territoriality, and Cruelty in the Apocalyptic Phase of Capital**. South Atlantic Quarterly, v. 115, n. 3, p. 615-624, 12 jul. 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. V. 2. Florianópolis: Insular, 2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002

VIANNA, Cynthia. O CASO ELOÁ: ANÁLISE DA ABORDAGEM DE FEMINICÍDIO NA MÍDIA. **Fazendo gênero**, Minas Gerais, [s. n.], agosto, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/download/35375582/Cynthia_Semiramis_-_Eloa_femicidio_-_Fazendo_Genero_9.pdf

Identificação das SDs dos Textos 1 a 10

APÊNDICE A - Identificação das SDs dos Textos 1 a 13

Número SD	Texto	SD	FD
1	1	Ex-namorada do seqüestrador continuava presa em apartamento .	mulher a partir do relacionamento
			mulher vítima
2	1	O rapaz de 22 anos que mantinha duas adolescentes reféns em Santo André, no ABC, desde o começo da tarde de segunda-feira (13) libertou uma das garotas pouco antes das 23h desta terça-feira (14). A ex-namorada do rapaz permanece no local.	mulher jovem
			mulher vítima
			mulher a partir do relacionamento
3	1	Um adolescente de 15 anos que também foi feito refém disse na tarde desta terça que o homem chegou nervoso ao local. " Ele disse que ela (ex-namorada) ferrou com a vida dele, porque ele terminou, mas ela não quis voltar . Disse que ficou um mês atrás dela e que se não ficasse com ele, não iria ficar com mais ninguém", contou o jovem, que foi liberado ainda na noite de segunda.	mulher a partir do relacionamento
			mulher ingrata
4	1	Ele admitiu que pode alterar a estratégia de evitar a invasão se houver indícios de que as adolescentes corram risco . "A postura é resolver de forma pacífica. A negociação é o primeiro ponto", disse Giovaninni.	mulher jovem
			mulher vítima
5	1	Giovaninni disse que o rapaz chegou a cogitar liberar as duas reféns em algumas oportunidades e que, em outras, disse que não entregaria ninguém nesta terça. Além disso, ele confirmou que o rapaz agrediu a ex-namorada .	mulher vítima
			mulher a partir do relacionamento
6	1	De acordo com reportagem do SPTV, no início da tarde a polícia mandou comida para as reféns e o seqüestrador. Os pais das duas jovens e os adolescentes que chegaram a ser mantidos reféns foram ouvidos ao longo do dia em uma delegacia de Santo André.	mulher vítima
			mulher jovem

Número SD	Texto	SD	FD
7	1	A promotora de eventos Suellen Dafne Padiar, de 18 anos, amiga das vítimas que acompanha de perto o drama das meninas em frente ao prédio, descreveu o jovem como uma pessoa “possessiva e ciumenta”. Segundo ela, o motivo da briga, ocorrida há um mês e meio, foi ciúmes. “Ela [a refém] adicionou um amigo da escola no Orkut e ele ficou com ciúmes”, contou.	mulher jovem
			mulher vítima
8	2	Seqüestrador diz que não vai avisar quando liberar refém	mulher vítima
9	2	Por telefone, ele disse que 'não precisa avisar' quando vai fazer isso. Desde segunda-feira, rapaz mantém ex-namorada refém no ABC.	mulher a partir do relacionamento
			mulher vítima
10	2	O jovem Lindemberg Alves, de 22 anos, que mantém desde a tarde de segunda-feira (13) a ex-namorada refém em Santo André, no ABC, contou em rápida entrevista nesta quarta-feira (15) que pretende liberar a adolescente de 15 anos , mas “não avisar” quando isso vai acontecer.	mulher a partir do relacionamento
			mulher vítima
			mulher jovem
11	2	Alves e a ex-namorada estão no apartamento dela desde as 13h30 de segunda, em um conjunto habitacional na periferia da cidade.	mulher a partir do relacionamento
12	2	Desde o início do caso, Alves, que foi namorado da adolescente por quase três anos, liberou outros três jovens que estavam no imóvel, também reféns. Eles estavam fazendo um trabalho de escola , quando o rapaz invadiu o local.	mulher jovem
			mulher aluna
13	2	O jovem, que se mudou da Paraíba para a capital com a família ainda pequeno, contou que tentou conversar com a jovem , mas “ ela sempre virava as costas e me deixava falando ”, afirmou.	mulher jovem
			mulher ingrata

Número SD	Texto	SD	FD
14	2	Alves, que foi descrito por vizinhos do conjunto habitacional onde também mora, no Jardim Santo André, como uma pessoa ciumenta, garantiu que "não queria voltar" com a ex-namorada . "Eu tinha deixado bem claro para a família dela. Não queria voltar; só ter uma conversa e ela não aceitava ".	mulher a partir do relacionamento
			mulher ingrata
15	2	"Ele nos disse que iria colocar a arma no chão e liberar a moça ", contou o coronel. O acordo, no entanto, não se concretizou, e o rapaz desistiu do combinado sem dar explicações, de acordo com o comandante.	mulher jovem
16	2	O coronel Félix disse também que o rapaz ficou nervoso depois que tocaram campainha do apartamento onde ele mantém a garota refém , na manhã desta quarta-feira.	mulher jovem
			mulher vítima
17	3	O secretário-geral do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (Condepe), Ariel de Castro Alves, disse que a polícia não poderia ter permitido, nesta quinta-feira (16), a volta de uma adolescente para o apartamento onde Lindemberg Alves, de 22 anos, mantém a ex-namorada de 15 anos refém desde segunda-feira (13).	mulher a partir do relacionamento
			mulher jovem
18	3	A jovem é amiga da garota que está em poder do ex-namorado e chegou a ser feita refém no momento da invasão do apartamento, mas tinha sido libertada na terça-feira (14).	mulher jovem
			mulher vítima
19	4	Coronel Eduardo José Félix afirmou que seqüestrador estava irreduzível. "O que deu errado foi o tiro que ele deu na menina ", disse.	mulher vítima
			mulher jovem
20	4	Durante coletiva de imprensa no início da noite desta sexta-feira (17), ainda no conjunto residencial onde o seqüestrador mantinha a ex-namorada refém , em Santo André (ABC), o comandante do Batalhão de Choque da Polícia Militar de São Paulo, coronel Eduardo José Félix,	mulher a partir do relacionamento
			mulher vítima

Número SD	Texto	SD	FD
		disse que a polícia só invadiu o local após ter ouvido um tiro.	
21	4	“Nós tentamos negociar, e ele estava irreduzível. Ficamos duas horas na porta do prédio aguardando um posicionamento dele”, disse. “O que deu errado foi o tiro que ele deu na menina ”, disse o coronel, afirmando que o Grupo de Operações Táticas Especiais (Gate) agiu corretamente.	mulher vítima mulher jovem
22	4	Segundo o coronel, Lindemberg Alves, de 22 anos, tinha um revólver calibre 32 e cinco cartuchos deflagrados. O promotor de Justiça Augusto Rossini também, que estava no local, descartou a possibilidade de as meninas terem sido baleadas pela polícia.	mulher jovem
23	5	Bala não foi retirada da cabeça de refém durante cirurgia, diz médica	mulher vítima
24	5	Eloá segue em coma induzido após procedimento realizado no ABC.	mulher nomeada
25	5	As duas adolescentes que foram baleadas pelo seqüestrador em Santo André, no ABC, foram submetidas a cirurgias na noite desta sexta-feira (17). A médica Grace Mayre Lydia, neurocirurgiã que participou do atendimento de Eloá Cristina Pimentel, ex-namorada do criminoso , disse que não foi possível retirar a bala que ficou alojada na cabeça da jovem .	mulher jovem
			mulher vítima
			mulher nomeada
26	5	“ É um caso muito grave e é um diagnóstico bem reservado”, disse, fazendo referência ao fato de que apenas os familiares deverão ser completamente informados sobre o quadro da adolescente . “Vamos aguardar por 48 horas pela reação dela.”	mulher a partir do relacionamento
			mulher vítima
27	5	Segundo a médica, Eloá deu entrada em coma no Centro Hospitalar de Santo André e passou por um procedimento chamado “craniotomia descompressiva”, realizado por três médicos. Em coma induzido, ela foi levada sob o efeito de sedativos para	mulher nomeada

Número SD	Texto	SD	FD
		Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) do hospital. A médica diz que, em uma escala de 3 a 15, seu estágio de coma é considerado 4, um abaixo do mais grave. Ela corre risco de morte , segundo a cirurgiã.	mulher vítima
28	5	O projétil ficou alojado na parte posterior do crânio. Durante a cirurgia, a garota se manteve estável e não sofreu parada cardíaca. “A gente fez o que pode, mas o caso é muito grave.”	mulher jovem
29	5	As duas adolescentes ficaram feridas no desfecho do seqüestro que durou mais de 100 horas. Na segunda-feira (13), por volta das 13h30, motivado por ciúmes o jovem Lindemberg Alves, de 22 anos, antes considerado calmo pelos amigos, invadiu o apartamento da ex-namorada e chegou a manter quatro reféns .	mulher jovem
			mulher a partir do relacionamento
29	5	As duas adolescentes ficaram feridas no desfecho do seqüestro que durou mais de 100 horas. Na segunda-feira (13), por volta das 13h30, motivado por ciúmes o jovem Lindemberg Alves, de 22 anos, antes considerado calmo pelos amigos, invadiu o apartamento da ex-namorada e chegou a manter quatro reféns .	mulher vítima
30	5	No dia seguinte, libertou a amiga da ex-namorada , Nayara Silva. Entretanto, como parte das estratégias de negociação, ela voltou ao apartamento na manhã de quinta-feira (16). O jovem chegou a falar em entrevistas que iria libertar também a ex-namorada , mas as negociações não avançaram.	mulher a partir do relacionamento
31	5	A adolescente Nayara deixou o apartamento andando, enquanto Eloá, carregada, foi levada inconsciente para o hospital . O seqüestrador, sem ferimentos segundo a polícia, foi levado para a delegacia e depois para a cadeia pública da cidade.	mulher nomeada
			mulher vítima
32	6	Jovem baleada está em 'coma irreversível', diz médica	mulher jovem
			mulher vítima
33	6	Eloá levou tiro na cabeça e está em estado muito grave. Testes são feitos para avaliar atividade cerebral da jovem.	mulher nomeada
			mulher vítima
34	6	A jovem Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos , que foi mantida refém durante mais de 100 horas pelo	mulher jovem

Número SD	Texto	SD	FD
		ex-namorado em Santo André, no ABC, está em “coma irreversível”, afirmou na tarde deste sábado (18) a neurocirurgiã Grace Mayre Lydia. "Neurologicamente, ela nunca vai sair dessa situação", avalia a médica. Apesar disso, ela informou que a jovem "tem sinais vitais e o coração bate".	mulher nomeada mulher vítima
35	6	A médica disse que Eloá está em estado gravíssimo e que a equipe segue um protocolo de exames que servem como base para seja avaliado se seu quadro indica a morte cerebral.	mulher nomeada mulher vítima
36	6	O secretário municipal de saúde de Santo André, Homero Nepomoceno Duarte, ressaltou a necessidade de seguir o protocolo para determinar o verdadeiro estado de Eloá . "É uma determinação do Conselho Federal de Medicina que todas as pessoas nesse tipo de coma sejam submetidas a esse protocolo, para não ter dúvidas", afirmou.	mulher nomeada
37	6	A jovem foi atingida por dois tiros, um na cabeça e outro na virilha. A diretora do hospital, Rosa Maria Pinto Aguiar, afirmou que os pais de Eloá receberam autorização para permanecer dentro da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) junto com a filha .	mulher nomeada mulher familiar
38	6	As duas adolescentes ficaram feridas no desfecho do seqüestro que durou mais de 100 horas. Na segunda-feira (13), por volta das 13h30, motivado por ciúmes o jovem Lindemberg Alves, de 22 anos, antes considerado calmo pelos amigos, invadiu o apartamento da ex-namorada e chegou a manter quatro reféns .	mulher jovem mulher a partir do relacionamento mulher vítima
39	6	No mesmo dia, ele libertou dois adolescentes que estavam no local para realizar um trabalho escolar de geografia . No dia seguinte, libertou a amiga da ex-namorada , Nayara Silva.	mulher aluna mulher a partir do relacionamento

Número SD	Texto	SD	FD
40	6	O jovem chegou a falar em entrevistas que iria libertar também a ex-namorada , mas as negociações não avançaram.	mulher a partir do relacionamento
41	6	A adolescente Nayara deixou o apartamento andando, enquanto Eloá, carregada, foi levada inconsciente para o hospital . O seqüestrador, sem ferimentos segundo a polícia, foi levado para a delegacia e depois para a cadeia pública da cidade.	mulher nomeada mulher vítima
42	7	Jovem baleada após seqüestro no ABC tem morte cerebral, diz equipe médica	mulher jovem mulher vítima
43	7	Após ser mantida refém por mais de 100 horas, Eloá levou tiro na cabeça . Testes apontaram que cérebro não tem atividade.	mulher vítima mulher nomeada
44	7	A jovem Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos , que foi mantida refém durante mais de 100 horas pelo ex-namorado em Santo André, no ABC, teve morte cerebral confirmada às 23h30 deste sábado (18), segundo informou o secretário de Saúde do município, Homero Nepomuceno Duarte.	mulher jovem mulher nomeada mulher vítima
45	7	Ainda no sábado, a neurocirurgiã Grace Mayre Lydia havia previsto que a menina “neurologicamente, nunca sairia dessa situação”. Apesar disso, ela informou que a jovem “tinha sinais vitais e o coração batia”. A médica disse que Eloá estava em estado gravíssimo e seguia em coma.	mulher jovem mulher nomeada
46	7	A família de Eloá foi informada sobre a morte cerebral da jovem logo após o diagnóstico.	mulher nomeada
47	7	Segundo a diretora do Centro Hospitalar de Santo André, Rosa Maria Aguiar, a mãe, os irmãos e outros familiares da adolescente se encontram no hospital. O pai da menina não estava no local por volta de 1h10 (já no horário de verão). “A família está sendo atendida por psicólogos do hospital, está sendo apoiada”, afirmou a médica.	mulher jovem mulher familiar

Número SD	Texto	SD	FD
48	7	Segundo Rosa, os familiares da estudante sempre tiveram fé em sua melhora. “Todo o tempo, a família tinha fé de que ela ia sair do coma . Todo mundo desabou (com a notícia)”, afirmou. Perguntada sobre como se sentia diante do diagnóstico, a médica respondeu emocionada: “é frustrante”.	mulher aluna
			mulher familiar
49	7	Após a divulgação da morte cerebral de Eloá , um grupo de pessoas se reuniu em frente ao hospital e fez orações pela adolescente.	mulher nomeada
50	7	A confirmação da morte cerebral de Eloá foi feita a partir de uma série de exames, que foram repetidos com um intervalo de seis horas neste sábado.	mulher nomeada
51	7	Devido à ausência do pai , a junta médica ainda aguarda uma posição sobre uma possível doação de órgãos. “Vamos aguardar a posição deles sobre a doação. Como ela é menor de idade, precisa da autorização do pai e da mãe ”, explicou o secretário municipal de Saúde da cidade, Homero Nepomuceno.	mulher familiar
			mulher jovem
52	7	“Caso seja favorável, será feito o protocolo com a central de transplantes que já está aqui”, explicou Nepomuceno. Caso a família opte por não fazer a doação, a jovem continuará ligada aos aparelhos até que haja um desfecho natural.	mulher familiar
			mulher jovem
53	7	Nepomuceno ressaltou que o tempo até que ocorra esse desfecho é indeterminado. “É uma questão delicada. Ela é uma paciente jovem , os órgãos estão em perfeito funcionamento, é difícil de ser avaliado. Pode durar semanas, ou mais”.	mulher jovem
54	7	As duas adolescentes ficaram feridas no desfecho de um seqüestro que durou mais de 100 horas. Na segunda-feira (13), por volta das 13h30, motivado por ciúmes, Lindemberg Alves, de 22 anos, antes	mulher jovem
			mulher a partir do relacionamento
			mulher vítima

Número SD	Texto	SD	FD
		considerado calmo pelos amigos, invadiu o apartamento da ex-namorada e chegou a manter quatro reféns .	
55	7	No mesmo dia, ele libertou dois adolescentes que estavam no local para realizar um trabalho escolar de geografia . No dia seguinte, libertou a amiga da ex-namorada , Nayara.	mulher aluna
			mulher a partir do relacionamento
56	7	O jovem chegou a falar em entrevistas que iria libertar também a ex-namorada , mas as negociações não avançaram.	mulher a partir do relacionamento
57	7	A adolescente Nayara deixou o apartamento andando, enquanto Eloá, carregada, foi levada inconsciente para o hospital . O seqüestrador, sem ferimentos segundo a polícia, foi levado para a delegacia e depois para a cadeia pública da cidade.	mulher nomeada
			mulher vítima
58	8	Órgãos de Eloá devem beneficiar pelo menos 5 pessoas	mulher nomeada
59	8	Os órgãos da adolescente Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos , devem beneficiar pelo menos cinco pessoas que aguardam na fila de transplantes, de acordo com informações da Secretaria Estadual de Saúde.	mulher jovem
			mulher nomeada
60	8	A família autorizou a doação dos órgãos após ser constatada a morte encefálica da garota na noite do sábado (18). Eloá foi atingida com um tiro na cabeça, na sexta-feira (17), após ter sido feita refém por 100 horas pelo ex-namorado Lindemberg Alves, de 22 anos.	mulher familiar
			mulher jovem
			mulher nomeada
			mulher vítima
61	8	O pulmão da jovem foi encaminhado para transplante no Instituto do Coração (Incor), e o fígado, para a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.	mulher jovem
62	8	Uma mulher de 39 anos recebeu nesta segunda-feira o coração da adolescente Eloá . A cirurgia foi realizada no Hospital Beneficência	mulher jovem
			mulher nomeada

Número SD	Texto	SD	FD
		Portuguesa de São Paulo, que fica na região central da capital paulista.	
63	8	O coração chegou ao hospital às 5h15. O procedimento de transplante durou 5h30, e terminou às 8h30. Outros dois órgãos da adolescente foram para o hospital: pâncreas e rim. Ainda não há informações sobre os demais receptores.	mulher jovem
64	8	O corpo da adolescente Eloá Cristina Pimentel deixou o Centro Hospitalar de Santo André, no ABC, por volta das 6h30 desta segunda-feira (20) e chegou ao Instituto Médico-Legal (IML) da cidade por volta das 6h45, onde permanecia até por volta das 11h30 desta segunda. A jovem teve morte cerebral constatada na noite de sábado (18), após ser atingida por um tiro na cabeça depois de passar mais de 100 horas como refém do ex-namorado .	mulher jovem
			mulher nomeada
65	8	Durante a madrugada desta segunda, equipes médicas retiraram os principais órgãos da adolescente para transplantes.	mulher jovem
66	8	O coração da adolescente foi o primeiro órgão a deixar o Centro Hospitalar de Santo André.	mulher jovem
67	8	Meia hora depois foram levados os pulmões da menina , para o Instituto do Coração (Incor).	mulher jovem
68	8	Os nomes dos pacientes que receberão os órgãos da menina não foram informados.	mulher jovem
69	8	O velório da jovem deve ser realizado ainda nesta segunda em um cemitério particular de Santo André.	mulher jovem
70	9	Sob aplausos, corpo de Eloá chega ao cemitério	mulher nomeada
71	9	O corpo de Eloá Cristina Pimentel chegou pouco antes das 15h desta segunda-feira (20) ao Cemitério Santo André, no ABC, onde serão realizados o velório e o enterro.	mulher nomeada
72	9	Muitas pessoas saíram da fila que foi formada para ver a chegada do	mulher amiga

Número SD	Texto	SD	FD
		caixão. A multidão se acumulou em volta do carro e foi difícil transportar o corpo para dentro do velório. Um grupo de adolescentes amigos da jovem rezava o Pai-Nosso e a Ave-Maria. Eles se mostravam bastante emocionados.	mulher jovem
73	9	Amigos , conhecidos e curiosos que se sensibilizaram com o drama da adolescente faziam fila para entrar no velório da jovem ainda antes da chegada do corpo.	mulher amiga mulher jovem
74	9	Já a dona-de-casa Yolanda Barbosa Matos Silva, de 40 anos, disse ter ficado mais abalada ainda por ter um filho da mesma idade de Eloá . “Meu filho ficou muito chateado. Foi um choque, ele falou que todo mundo chorou na escola”.	mulher nomeada
75	10	Ela sabia que não ia sair viva dali’, diz Nayara sobre Eloá	mulher nomeada
76	10	A adolescente Nayara Silva afirmou na manhã desta segunda-feira (27) que Eloá Cristina Pimentel falava que iria morrer desde o início do seqüestro, que durou mais de 100 horas em Santo André, no ABC. “ Ela sabia que não ia sair viva dali ”, disse a adolescente, em entrevista por telefone a Ana Maria Braga no programa “Mais Você”.	mulher nomeada mulher vítima
77	10	Eloá teve morte cerebral constada após levar um tiro na cabeça no fim do seqüestro, no dia 17. Ela e Nayara foram mantidas reféns por Lindemberg Alves, ex-namorado de Eloá, entre os dias 13 e 17. Nayara foi libertada no dia 14, mas voltou ao cativo dois dias depois.	mulher nomeada mulher vítima
78	10	A adolescente, que levou um tiro no rosto e saiu do hospital na última quarta-feira (22), diz não se arrepender de ter voltado ao apartamento, mas reconhece o risco. “Se eu visse um caso desses na TV, eu falaria que a menina é louca. Por melhor amiga que fosse, falaria que não faria ”, contou. “ Mas hoje, eu	mulher amiga

Número SD	Texto	SD	FD
		faria tudo de novo, para poder tirar ela viva dali” .	
79	10	A jovem também admite que desconfiou da abordagem de Lindemberg. “Quando ele falou ‘dá a mão para a Eloá que ela vai sair’ eu não senti muita firmeza. Mas não dava mais para voltar”, afirmou. “Eu não tinha a intenção de voltar, ia fazer só o que ele pediu, ir até lá, chegar, pegar na mão dela e sair.”	mulher nomeada
80	10	De acordo com a jovem, durante os dias do cativo os três comiam normalmente, e o seqüestrador chegou a deixar as adolescentes tomarem banho. Em um dos dias, Eloá fez comida, e as duas conseguiam dormir – Lindemberg, entretanto, permaneceu acordado o tempo todo.	mulher jovem mulher nomeada
81	10	Nayara afirmou que espera contar com o apoio das amigas para superar o ocorrido. “Nós precisamos ficar unidas. A Eloá está fazendo muita falta . Ela mesma me ensinou que uma pessoa nunca substitui a outra. Vai ficar um vazio”.	mulher nomeada mulher amiga
82	10	A adolescente também contou que sonhou com a amiga morta nos últimos dias . “Sonhei que conversava normal com a Eloá , como se nada tivesse acontecido.”	mulher amiga mulher vítima mulher nomeada
83	11	Linha Direta’ volta e relembra caso Eloá, 15 anos após morte da adolescente	mulher jovem
84	11	O programa “Linha Direta” voltou à TV nesta quinta-feira (4) após 16 anos com o caso da adolescente Eloá Pimentel , de 15 anos , que foi mantida aprisionada pelo ex-namorado, Lindemberg Alves, de 22.	mulher jovem mulher nomeada mulher vítima
85	11	Apresentado por Pedro Bial, a atração exibida na noite de quinta-feira relembrou o caso da morte e sequestro da adolescente , em 2008, em Santo André.	mulher vítima mulher jovem

86	11	Na época, Lindemberg invadiu o apartamento onde morava Eloá e manteve ela, sua amiga Nayara Rodrigues e outros dois colegas de escola delas, reféns.	mulher nomeada
			mulher aluna
			mulher vítima
87	11	Eloá começou o relacionamento com Lindemberg quando tinha 12 anos. Os dois namoraram, entre idas e vindas, por 2 anos e sete meses.	mulher nomeada
			mulher jovem
88	11	Um mês antes do crime, Lindemberg tinha terminado o namoro com a adolescente , mas, arrependido, queria reatar. No entanto, Eloá decidiu não voltar.	mulher jovem
			mulher insubordinada
89	11	No dia 13 de outubro, uma segunda-feira, a ao lado dos amigos Nayara, Victor e Iago saíram do colégio em direção à casa da família da adolescente para fazerem um trabalho de escola. Enquanto os meninos mexiam no computador, Eloá e Nayara preparavam o almoço.	mulher jovem
			mulher aluna
			mulher nomeada
90	11	Eloá ficou cinco dias em cárcere privado , sob ameaças do namorado.	mulher nomeada
			mulher vítima
91	12	Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos, foi mantida em cárcere privado por 100 horas no apartamento em que morava num conjunto habitacional em Santo André, no ABC Paulista, em 2008. Ela foi mantida refém pelo seu ex-namorado Lindemberg Alves, de 22 anos, que não aceitava o fim do relacionamento.	mulher nomeada
			mulher jovem
			mulher vítima
92	12	O programa "Linha Direta" voltou à TV nesta quinta-feira (4) após 16 anos com o caso da adolescente.	mulher jovem
93	12	Eloá começou a namorar com Lindemberg quando tinha 12 anos. Os dois namoraram, entre idas e vindas, por 2 anos e sete meses.	mulher nomeada
94	12	Um mês antes do crime, Lindemberg tinha terminado o namoro com a adolescente , mas, arrependido, queria reatar. No entanto, Eloá decidiu não voltar.	mulher jovem
			mulher nomeada
			mulher insubordinada
95	12	No dia 13 de outubro de 2008, um segunda-feira, Eloá deixou o colégio e seguiu para sua casa acompanhada	mulher nomeada

		dos amigos Nayara, Victor e Iago. O grupo foi para a casa da adolescente fazer um trabalho de escola . Enquanto os meninos mexiam no computador, Eloá e Nayara preparavam o almoço. Neste momento, Lindemberg invadiu o apartamento armado.	mulher jovem
			mulher aluna
96	12	Antes da entrada da PM, o sequestrador ainda conseguiu baleiar Nayara e deu dois tiros em Eloá .	mulher nomeada
			mulher vítima
97	12	A adolescente Nayara deixou o apartamento andando, enquanto Eloá , carregada, foi levada inconsciente para o hospital.	mulher nomeada
			mulher vítima
98	13	Condenado a 39 anos de prisão por matar Eloá Pimentel há 15 anos, Lindemberg Alves mantém rotina de leitura e trabalho na P2 de Tremembé (SP), penitenciária conhecida por receber presos envolvidos em casos de grande repercussão como Alexandre Nardoni, que matou a filha em 2008.	mulher nomeada
			mulher nomeada
			mulher aluna
99	13	O crime aconteceu em outubro de 2008 em Santo André (SP). Na época, Lindemberg invadiu o apartamento onde morava Eloá e manteve ela, sua amiga Nayara Rodrigues e outros dois colegas de escola delas, reféns .	mulher vítima
			mulher nomeada
100	13	Eloá ficou cinco dias em cárcere privado, sob ameaças do namorado . Os outros reféns foram liberados, mas Nayara voltou ao local por orientação da polícia. No dia 17 de outubro de 2008, a polícia invadiu o local depois de escutar um ruído que seria de um tiro.	mulher vítima
			mulher nomeada
101	13	Antes da entrada da PM, o Lindemberg ainda conseguiu baleiar Nayara, que sobreviveu, e deu dois tiros em Eloá, que morreu .	mulher vítima